

Experiências do cotidiano na educação infantil em Joinville

Projetos institucionais



Joinville, 2013

**Secretaria
de Educação**



**Prefeitura de
Joinville**



**Prefeitura Municipal de Joinville
Secretaria de Educação
Gerência da Unidade de Gestão de Ensino**

Joinville, 2013

Catálogo na publicação pela Biblioteca da Univille

E86 Experiências do cotidiano na educação infantil em Joinville : projetos institucionais /
 organização Prefeitura Municipal de Joinville. Secretaria de Educação de Joinville.
 – Joinville, SC : Editora da Univille, 2013.

 82 p. : il.

 1. Educação infantil – Educação ambiental. 2. Educação infantil – Projeto pedagógico.
 3. Educação infantil – Rede municipal de ensino de Joinville. Centro de Educação Infantil
 (CEI) – Rede municipal de ensino de Joinville. I. Secretaria de Educação de Joinville.

CDD 372.21

Experiências do cotidiano na educação infantil em Joinville

Projetos institucionais

**Secretaria
de Educação**



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE
Todos os direitos reservados à Secretaria de Educação

Organização: Setor de Educação Infantil

Colaboradoras: Marilene Cardozo Koch, Edla Yara Priess, Edinéia Solange Coral • **Fotos da capa:** CEI Alegria de Viver, CEI Cachinhos de Ouro, CEI Mundo Azul, CEI Jardim Sofia, CEI Girassol, CEI Raio de Sol, CEI Amandos Finder, CEI Luiza Maria Veiga • **Profissional da capa:** Maristela Ericksson Borri • **Crianças da capa:** Maria Eduarda Facin, Thainá Klug de Oliveira, Paulo Henrique Hladuniak, Gabrielle de Lima Henz, Hellen Nogueira, Paulo Henrique Honorato, Sofia Guindani, Otto Ricardo Brümmer

Produção Editorial: Editora Univille

Coordenação Geral: Reny Hernandes • **Secretária:** Adriane Cristiana Kasprowicz • **Revisão:** Cristina Alcântara, Viviane Rodrigues • **Projeto gráfico/Diagramação:** Rafael Sell da Silva • **Impressão:** Impressul Indústria Gráfica Ltda. • **Tiragem:** 1.000 exemplares

Apoio



Secretaria Municipal de Educação
Rua Itajaí, 390 – CEP 89201-090
Centro – Joinville – SC
Telefone: (47) 3431.3000
<http://www.secjoinville.net>

SUMÁRIO

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO	6
PREFÁCIO	7
PREFÁCIO II	9
APRESENTAÇÃO	11
CONSTRUINDO IDEIAS E MODIFICANDO ESPAÇOS	13
Neide Novais Brant Rose Maria Felizari	
PÁSSAROS NÃO SÃO DE GAIOLA	22
Patrícia Schulze Elke Krause Leme	
DESCOBRINDO O BRASIL POR MEIO DOS SENTIDOS	30
Isabel Cristina Carvalho da Silva Luciana Gutzmer Cagneti Maria Terezinha Teixeira Domingos	
ESPAÇOS DE DESCOBERTAS	38
Adriane da Silva	
INVENTANDO MODA NOS ESPAÇOS DO CEI	44
Patrícia Regina de Carvalho Leal Regiane Cristina Casagrande	
NOSSO ESPAÇO... NOSSO LUGAR...	49
Claudia Vons Kadlubowsky Cristiane Luiza Rotermel Daniela Dienieidi Brich Ribeiro Julcimara Trentini Patricia Oliveira de Souza Simone Cidral Stringari	
O ESPAÇO INFANTIL E SUA ORGANIZAÇÃO COM BASE NA EXPECTATIVA DAS CRIANÇAS E NA MOVIMENTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA COLETIVA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	57
Marlene Malschitzky Rosane Mari dos Reis	
O PROJETO CORPO EM MOVIMENTO E A INTERAÇÃO NOS ESPAÇOS COLETIVOS	71
Denise da Silva Gava Maria de Fátima Gomes Uller Zenilda Martins Beyersdorff	

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

1. Centro de Educação Infantil Alegria de Viver

Rua Monsenhor Gersino, n.º 6.793 –
Paranaguamirim

Tel.: 3463-6736

Projeto: Construindo Ideias e Modificando
Espaços

Responsável: Coordenadora Neide Novais Brant

E-mail: ceialegriddeviver@ibest.com.br

2. Centro de Educação Infantil Cachinhos de Ouro

Rua Pastor Georg Bürger, n.º 141 – Pirabeiraba
Tel.: 3424-0292

Projeto: Pássaros Não São de Gaiola

Responsável: Coordenadora Elke Krause Leme

E-mails: elke.leme@gmail.com /

ouro.cachinhos@gmail.com

3. Centro de Educação Infantil Girassol

Rua Vice-Prefeito Luiz Carlos Garcia, n.º 1.035
– Costa e Silva

Tel.: 3425-3559

Projeto: Descobrimo o Brasil por meio dos
Sentidos

Responsável: Professora Luciana Gutzmer
Cagneti

E-mail: lucianacagneti@hotmail.com

4. Centro de Educação Infantil Jardim Sofia

Rua Cuba, n.º 85 – Jardim Sofia

Tel.: 3435-3446

Projeto: Espaços de Descobertas

Responsável: Coordenadora Adriane da Silva

E-mails: cei.sofia@ig.com.br /

adri.cei@hotmail.com

5. Centro de Educação Infantil Mundo Azul

Rua Caxambu do Sul, n.º 76 – São Marcos

Tel.: 3438-0497

Projeto: Inventando Moda nos Espaços do
CEI

Responsável: Coordenadora Patrícia Regina de
Carvalho Leal

E-mail: cei.mundoazul@yahoo.com.br

6. Centro de Educação Infantil Luiza Maria Veiga

Rua Vidal Ramos, n.º 41 – Guanabara

Tel.: 3426-6139

Projeto: Nosso Espaço... Nosso Lugar...

Coordenadora: Cristiane Luiza Rotermel

E-mail: ceiluizamariaveiga@yahoo.com.br

7. Centro de Educação Infantil Raio de Sol

Rua João Miers c/ Santa Edvirges, n.º 32
– Vila Nova

Tel.: 3434-0876

Projeto: O Espaço Infantil e sua Organização
com base na Expectativa das Crianças e na
Movimentação da Consciência Coletiva –
Relato de Experiência

Coordenadora: Rosane Mari dos Reis

E-mail: rosanee_mari@hotmail.com

8. Secretaria de Educação

Rua Itajaí, 390 – Centro

Tel.: 3431-3037

Projeto: O Projeto Corpo em Movimento e a
Interação nos Espaços Coletivos

Supervisora: Zenilda Martins Beyersdorff

E-mail: zenilda.martins@joinville.sc.gov.br

PREFÁCIO

O Governo Municipal e a Secretaria Municipal de Educação, em seu compromisso com a melhoria da qualidade das instituições públicas de ensino de Joinville, têm a honra de apresentar mais uma publicação das experiências exitosas desenvolvidas nos Centros de Educação Infantil (CEIs), que se originaram da capacitação profissional, do compromisso individual e coletivo e da integração das famílias no processo escolar.

São relatos de trabalhos especialmente pensados sob a ótica da criança, cidadã que merece respeito, cuidado e educação de qualidade e que é capaz de fazer parte ativa das decisões escolares com sua forma própria de se expressar. Com a participação delas, de suas famílias, dos professores e gestores e com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, revitalizaram-se espaços escolares, transformando-os em ambientes de múltiplas aprendizagens.

Esta é uma coletânea dos projetos institucionais que já foram desenvolvidos e finalizados. No entanto muitos outros estão sendo realizados num processo contagiante, mobilizando dia após dia comunidades de CEIs de vários pontos da cidade. O Programa Agenda do Professor, da Secretaria de Educação, age como disseminador desse conhecimento, pois a cada experiência compartilhada novos focos de transformação surgem em meio às instituições infantis.

Nesse compromisso com a qualidade, alguns dos CEIs aqui apresentados se transformaram em referência para a cidade e para o país, ao se destacarem com importantes premiações. Por isso, desejamos que essas vivências relatadas e amplamente fundamentadas sejam fonte de motivação para a realização de novos projetos, tão inovadores e inspiradores como os que aqui são apresentados.

Secretaria Municipal de Educação

PREFÁCIO II

Escrever não é uma tarefa simples. Exige conhecimento, criatividade, persistência, determinação e muita dedicação. Acredita-se que pessoas que possuem essas características sejam capazes de escrever, expressando-se de maneira coesa e coerente.

A produção dos artigos presentes nesta revista não se resume a um relato de experiência, mas revela o processo de construção de uma nova forma de registro sobre a realidade e as realizações inovadoras efetivadas nos Centros de Educação Infantil. Diante disso, escrever transformou-se em desafio no qual estariam presentes a criatividade, o talento, o conhecimento e a autodisciplina, além, é claro, do desenvolvimento do gosto pelo ato de escrever.

Durante o processo de orientação os requisitos exigidos não foram obstáculos para as equipes dos CEIs participantes desta edição. A dedicação e a busca pelo aperfeiçoamento foram constantes.

No processo de construção, nosso objetivo foi orientar sobre as questões metodológicas de elaboração de um artigo científico, produção escrita pouco difundida no ambiente escolar. Foram realizados vários encontros para esse fim. Inicialmente se ofereceram orientações sobre a estrutura-base do artigo. A primeira lição foi motivacional, indicando que escrever não é nenhum “bicho de sete cabeças” e que as pessoas podem escrever bons textos, desde que se proponham a atingir esse objetivo e contem com o apoio e a orientação de pessoas mais experientes.

Os desafios enfrentados foram muitos, desde o início da elaboração do projeto até a execução e a produção do artigo, que seria compartilhado com o público. O que se almejava era que, utilizando-se de linguagem formal/científica, o sucesso da transformação do espaço da educação infantil fosse mais bem compreendido pelos leitores.

Os artigos aqui apresentados evidenciam a preocupação não somente com os espaços em si, mas em relação à transformação deles em espaços de aprendizagem que considerem aspectos relativos à inclusão, à imaginação, à criatividade, enfim, ao desenvolvimento de seres humanos de forma integral.

O resultado dos esforços de todos os envolvidos demonstra que o desafio foi superado. A revista oferece ao leitor uma viagem ao mundo das crianças mostrando que é possível ressignificar os espaços educacionais de modo a atender às diretrizes indicadas para a educação infantil. Outra conquista: o material prova que todos são capazes de escrever e compartilhar a experiência vivida de forma acadêmica.

Espera-se que a ideia de escrever artigos mostrando as práticas das unidades escolares passe a ser uma constante em todas as unidades da rede municipal de ensino.

Parabéns a todos os envolvidos e obrigada pelo honroso convite para orientar, conhecer e aprender com todos vocês!

Um grande abraço
Edla Yara Priess

APRESENTAÇÃO

Com a inserção da educação infantil na educação básica promulgada pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), uma nova perspectiva de trabalho foi se constituindo nos espaços da educação infantil, no sentido de pensar e de olhar a criança desde o seu nascimento como um sujeito de direitos e produtor de cultura, exigindo dos educadores uma postura mais reflexiva e investigativa no seu fazer pedagógico.

A formação continuada promovida pelo Setor de Educação Infantil, especialmente o Programa Agenda do Professor, de onde se originou a revista *Experiências do cotidiano na educação infantil em Joinville*, contribuiu de modo significativo para a atualização do conhecimento e o conseqüente fortalecimento do trabalho desses docentes.

Por isso, é com grande satisfação que apresentamos a 3.^a edição desta revista, com experiências de professores, gestores e outros profissionais da educação que, junto com as crianças e suas famílias, transformaram o ambiente escolar.

A temática deste volume está relacionada aos espaços externos dos Centros de Educação Infantil (CEIs) de Joinville, mostrando que com ousadia, planejamento, escuta das crianças, prazer pelo que se faz, determinação e participação da comunidade é possível oferecer às crianças um ambiente que alimente suas fantasias, onde espaço e tempo constituem momentos de viver e participar intensamente, permitindo que se tenha oportunidade de novas descobertas.

Inúmeros são os desafios da educação infantil, mas em meados de 2010 um em especial foi lançado pela Secretaria de Educação às gestoras dos CEIs: reinventar os espaços externos das instituições.

Tal proposta foi então apresentada aos CEIs, com a finalidade de sugerir ações, ouvir as crianças e seus desejos, os profissionais, as famílias e a comunidade, de forma que todos teriam vez e voz na elaboração do projeto institucional.

O Setor de Educação Infantil, por sua vez, organizou um plano de trabalho com uma comissão de apoio, tendo como parceiros o Núcleo de Educação Ambiental (Neam) e o Núcleo de Obras, cujo objetivo era verificar os espaços externos dos CEIs. Foi feito então um levantamento de dados sobre os quesitos: brinquedos de parque, qualidade dos equipamentos, arborização e paisagismo, organização, acondicionamento dos resíduos, acessibilidade e orientação sobre o projeto institucional.

Concluída a primeira etapa do plano de ação, a Secretaria de Educação organizou um seminário com as gestoras e coordenadoras pedagógicas para apresentar o diagnóstico dos resultados observados nas visitas. Fizeram-se então as seguintes indagações:

- Que espaço externo é esse, e de que forma ele está organizado?
- É possível revitalizá-lo junto com as crianças e criar um ambiente propício a novas possibilidades?

O desafio estava lançado!

Para Barbosa e Horn (2001, p. 73)¹,

o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes, cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

¹ BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Elise P. da Silva (Orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

Todos os gestores e coordenadoras foram orientados quanto aos procedimentos sobre organização do projeto institucional, arborização, jardinagem e normativas preventivas de segurança relacionadas aos parques. Nesse momento, deu-se início a um movimento de novas pesquisas entre os professores, de ouvir melhor o que as crianças desejam no dia a dia dentro dessa visão mais contemporânea.

No início de 2011, retornando às unidades, a comissão deparou com muitas e agradáveis surpresas. Várias dificuldades foram superadas, sonhos foram realizados, os espaços externos tornaram-se mais atrativos e convidativos às crianças, permitindo que vivências, experiências e interações tivessem maior intencionalidade.

Hoje entrar em alguns CEIs nos faz remeter à nossa infância, seja contemplando a beleza e o perfume das flores, seja degustando as frutas dos pomares ou experimentando a diversidade de hortaliças da horta, seja alimentando e observando os mais belos pássaros ou ainda apreciando e tratando os peixinhos coloridos, ou apenas brincando com a própria imagem refletida nas águas dos pequenos lagos que surgiram.

Os artigos apresentados nesta publicação resumem o grande passo que se deu na rede, no sentido de integrar comunidade e escola no trabalho por um único e mesmo objetivo: qualificar e humanizar o ambiente escolar do modo como as crianças querem, merecem e precisam.

Setor de Educação Infantil
Secretaria Municipal de Educação

Comissão de apoio técnico aos espaços:

Lesane Zerwes Becker
Lúcia Helena Corrêa
Marilene Cardozo Koch
Marlize Martinelli Schroeder

Equipe de supervisão:

Alice Soncini
Isabel Cristina Carvalho da Silva
Maéle Cardoso Ávila
Marici de Souza
Marlene T. Z. Malschitzky
Patrícia Regina de Carvalho Leal
Raquel Bastos Roque Pereira
Rosane Mari dos Reis
Silvana da Silva
Solange da Veiga da Maia
Solange Maria Furlan Ignácio
Telma Maria Bello
Vanessa Cristina Melo Randing
Zenilda Martins Beyersdorff

Coordenação:

Edinéia Solange Coral

CONSTRUINDO IDEIAS E MODIFICANDO ESPAÇOS

Neide Novais Brant¹
Rose Maria Felizari²

Resumo: Este artigo apresenta vivências do Centro de Educação Infantil Alegria de Viver, que atende crianças de 4 meses a 5 anos. A proposta está relacionada às pesquisas e transformações do espaço. Considerando-se que o ambiente deve ser composto por elementos que estimulem os sentidos, a curiosidade e a criatividade da criança, os projetos Um Jardim de Flores, Cheiros e Cores e Casa Nossa de Todo Dia são resultado de todas as ações propostas para a comunidade escolar.

Palavras-chave: espaço; criança; brincar.

INTRODUÇÃO

Após uma reforma e ampliação no ano de 2006, o Centro de Educação Infantil (CEI) Alegria de Viver teve seu espaço externo modificado: o pátio, antes pequeno e aconchegante coberto por grama, foi substituído por um imenso pátio de britas. Esse espaço de natureza morta, sem atrativos e desafios para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, desencadeou na comunidade escolar uma inquietação e uma necessidade de se mobilizar para transformar o local.

Em 2007 iniciou-se um trabalho de sensibilização para a educação ecológica com os professores, os pais e as crianças. Realizou-se uma série de passeios, palestras e estudos sobre o ambiente em que vivemos, e assim vivenciou-se o projeto institucional sobre educação ecológica para que todos fizessem parte da reestruturação do espaço e da preservação do meio.

Observou-se no entorno a necessidade de mudança, o que levou todos a pensar em como proporcionar às crianças experiências com o meio ambiente que foram tão valiosas e comuns em nossa infância, que nos trazem agradáveis lembranças ligadas à nossa memória emocional. Hoje, por causa da pressa e correria do dia a dia dos adultos, os pequenos estão impossibilitados de vivenciar tais experiências, pois tudo o que requer cuidado e atenção está sendo deixado de lado.

Com o objetivo de propiciar a interação com diversos elementos naturais e criar um ambiente que possibilite imaginação, desafios, exploração e vivências, foram elaborados dois grandes projetos que marcaram mudanças na instituição.

O amplo espaço no pátio externo do CEI permitiu a construção de Um Jardim de Flores, Cheiros e Cores, que resgatou a participação das famílias em pesquisas, construção de canteiros, seleção de sementes, mudas e plantio.

¹ Coordenadora pedagógica.

² Diretora do CEI Alegria de Viver. Há 27 anos atua na educação infantil.

Da arborização e organização do espaço nasceu o bosque-pomar, que veio ao encontro da necessidade de promover o desenvolvimento da criança e garantir o brincar em um ambiente desafiador que ofereça contato com a fantasia e com elementos naturais.

O projeto Casa Nossa de Todo Dia surgiu da necessidade de oportunizar um espaço amplo, acessível e ecológico às crianças, trazendo aprendizagens sobre os possíveis tipos de moradia e a importância de preservar o meio ambiente em suas construções.

Por meio de parcerias com a comunidade foi possível reorganizar o espaço externo de forma que propiciasse o brincar, as interações, o aprender e o desenvolvimento do aluno.

O brincar, em qualquer tempo, não é trivial; é altamente sério e de profunda significação, ensina a criança a conviver e a se relacionar com os outros, ajuda a assimilar e lidar com questões emocionais e com desafios, favorecendo o conhecimento de si mesma como indivíduo.

Pensando em harmonizar e adequar esse espaço para o explorar e o brincar, cada turma elaborou um projeto e vivenciou suas próprias experiências e desafios, de acordo com o ritmo e a limitação de cada uma.

Este artigo relata a importância de um espaço bem estruturado para o desenvolvimento infantil e da convivência com o meio ambiente natural rico em possibilidades de descobertas e aprendizagens. Trata, ainda, dos projetos desenvolvidos com toda a comunidade escolar, citando os parceiros que nos apoiaram e o envolvimento das famílias em todo o processo.

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO PARA OS PEQUENOS

O ambiente não é apenas um conjunto de recursos naturais, mas sim um local constituído e transformado pelos seres humanos.

A reestruturação do espaço faz parte do saber olhar o ambiente de maneira adequada, pois a criança pequena precisa de desafios, de objetos para serem explorados e que sejam atrativos aos olhares dela, para que aconteça o aprendizado.

Para Barbosa e Horn (2001), ao pensarmos em um espaço para crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, móveis, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educá-las no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

Wallon (*apud* KISHIMOTO, 1998, p. 117) enfatiza que, entre 1 e 3 anos, o desenvolvimento do indivíduo atravessa um período sensório-motor/projetivo, significando que o pensamento precisa de gestos para se manifestar. A criança tem fome de espaço explorável e objetos manipuláveis que permitam os avanços da sua autonomia motora. “Brincar de andar, de pular, subir e descer, de pôr e tirar, de empilhar e derrubar, de fazer e desfazer, de criar e destruir. Educar neste momento é sinônimo de preparar o espaço adequado, o espaço ‘brincável’, isto é, explorável” (KISHIMOTO, 1998, p. 117).

[...] A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo... A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto sacrifício para promoção de seu bem e de outros (FROEBEL, 1912 *apud* BERTOLDO; RUSCHEL, 2011).

O mundo em que a criança precisa viver deve constituir um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis, diante do qual ela desenvolva a curiosidade e a investigação. Dessa forma, vemos a exploração de diferentes elementos naturais como uma possibilidade de trabalhar a sensibilidade, a expressividade, as percepções sensoriais e espaciais, as emoções e o movimento.

Ao pensar na criança percebemos que sua personalidade e autoestima estão ligadas à interação com o ambiente, com as demais crianças e com os adultos. Para o desenvolvimento

de um sujeito inteligente e feliz, faz-se necessária a sua imersão em uma gama de estímulos e interações. Em nosso cotidiano nota-se que, para haver o despertar de vivências prazerosas e admiração pelos elementos naturais, é preciso propor experiências diferenciadas a fim de promover a aprendizagem do aluno e desenvolver a memória associativa entre percepções visuais, táteis, gustativas, auditivas e olfativas. Assim, a estimulação multissensorial trabalhará todos os sentidos ao mesmo tempo.

Na Proposta Pedagógica para Educação Infantil do município a percepção do mundo físico para o universo infantil acontece de forma direta: As crianças “[...] testam o que sabem sobre as coisas, tocando, ouvindo, observando-as, elaborando hipóteses e procurando respostas às indagações” (JOINVILLE, 2003, p. 33). Isso remete ao desenvolvimento de práticas estimuladoras no campo da observação, experimentação, manipulação etc.

Quando o espaço oferece escolhas para a criança, ela adquire autonomia para interagir com os objetos, explorar aquele ambiente e até reorganizá-lo de acordo com o seu interesse; o brincar dá-se com naturalidade e espontaneidade, desde que lhe seja proporcionado (KISHIMOTO, 1998).

Olhar para a terra e observar as asinhas de um inseto recém-pousado, ouvir os sons da natureza, o canto dos pássaros, olhar para o universo de cores especiais são experiências profundas que marcam momentos da vida e nos sensibilizam com relação ao meio ambiente e ao outro, tornando-nos mais sensíveis.

A organização dos ambientes ocorre na disponibilização dos mobiliários, nos cantos temáticos, na disposição dos materiais e brinquedos na altura do olhar e do alcance dos pequenos. Na área externa é muito importante a existência de árvores, canteiros, flores, bancos, horta, areia e outros elementos naturais. A criança deve participar da organização, do plantio e dos cuidados com esse ambiente, pois por meio de tais vivências ela vai se divertir e aprender. Ela adquire consciência do contexto em que vive, esforça-se para entendê-lo e, assim, desenvolve formas de convivência.

O professor da educação infantil precisa observar como a criança brinca, como explora os objetos, quais são seus interesses e como se manifesta diante das opções oferecidas, para que possa lançar novos desafios e reorganizar o espaço com outras possibilidades. Nesse sentido acontece a aprendizagem, e a criança passa a interagir com o meio e com as pessoas que a rodeiam.

Ao educador cabe conduzir a mão da infância, para observação das formas, dos tons, dos cheiros e para as possibilidades criativas com elementos encontrados na natureza, sempre com a expectativa de que essa vivência possa ser representativa na vida do indivíduo que a experimentou (MACHADO, 2006, p. 128).

Por intermédio de projetos educativos as crianças participam e aprendem. As famílias são motivadas a fazer parte do aprendizado, de maneira a valorizar as atividades realizadas pelos estudantes e pela escola. A parceria família-escola só traz benefícios para a criança, como autonomia, segurança, capacidade de imaginação e aprendizagem. A criança que brinca tem benefícios nos aspectos cognitivo, social, emocional, físico e motor do desenvolvimento.

Os diferentes espaços, as práticas de coletividade, os jogos, as brincadeiras, as vivências em contato com o ambiente arborizado são algumas das condições primordiais para o desenvolvimento integral da criança, o despertar dos sentidos e a sensibilização.

O livro *Estimulação precoce: inteligência emocional e cognitiva* (2009, p. 8) traz o seguinte trecho: “Para que tais emoções sejam vivenciadas é necessário que a criança primeiro valorize a experiência, em seguida tenha tempo para senti-la, percebê-la e interiorizá-la”. Existem três aspectos importantes no tocante aos sistemas sensoriais:

1. Os sentidos trabalham de maneira integrada para nos oferecer informações do meio. Esta integração ocorre especialmente durante os primeiros anos de vida, decrescendo com a passagem do tempo, em razão da acuidade sensorial não ser valorizada em nossa cultura e sistema educativo [...].
2. Durante os primeiros anos de vida os sentidos são a primeira fonte do conhecimento. No nascimento não existe o pensamento simbólico nem o raciocínio lógico, somente o

mundo sensorial perceptivo. Daí que é muito importante que os estímulos sejam variados e gratificantes.

3. Nós os seres humanos mostramos diferenças em nossos padrões sensoriais e em nossa capacidade para aprender através de um outro sentido. As crianças e também os adultos aprendem mais facilmente através de um sentido que de outro, por exemplo, uns o fazem melhor com a audição e outros com a visão (ESTIMULAÇÃO..., 2009, p. 20).

A fim de privilegiar a aprendizagem dos indivíduos de diferentes maneiras e concretizar ações de ensino e aprendizagem intencionais, o espaço tem de proporcionar meios para a criança desenvolver suas percepções e habilidades por intermédio da interação e vivência.

O espaço precisa ser pensado para todas as crianças, independentemente da limitação de cada uma; elas devem sentir-se acolhidas e seguras nesse ambiente cheio de possibilidades para seu desenvolvimento. A educação infantil possui como função proporcionar condições para que o aprendizado aconteça de forma natural e espontânea.

UM JARDIM DE FLORES, CHEIROS E CORES

Em 2010 o CEI Alegria de Viver realizou o projeto Um Jardim de Flores, Cheiros e Cores³. Os objetivos eram estabelecer uma relação maior entre as crianças e o meio ambiente, conscientizá-las sobre as problemáticas ambientais, sociais e buscar soluções para a formação de novos valores e responsabilidades com base em experiências concretas. Todas as turmas (de 0 a 5 anos) deram sua contribuição. As crianças escolheram as ervas e as flores e em quais espaços seriam cultivadas; coube aos pais e professores buscar parcerias na comunidade (comércio local e demais localidades próximas da região).

Em sala pesquisaram como plantar e cuidar das flores, o desenvolvimento de cada espécie e curiosidades como: os insetos que elas atraem, os cheiros que exalam, as cores de suas folhas e flores. Ao longo do ano, experimentaram os sentimentos e as sensações de plantar e acompanhar o crescimento de flores e ervas.

A empolgação foi geral. Durante a construção dos canteiros tivemos ajuda e contribuição das famílias. Diferentes espaços foram projetados e construídos pensando na harmonia dos elementos vivos e não vivos e na estética. Uma pesquisa apontou as espécies de plantas a serem cultivadas, como camarão-amarelo, manacá e outras plantas ornamentais necessárias para formar um canteiro que atraísse insetos e possibilitasse a contemplação de muitas borboletas e joaninhas.

Várias ervas aromáticas, como alecrim, hortelã, erva-doce, orégano, camomila, foram colocadas em vasos e floreiras e distribuídas em pontos estratégicos de circulação de adultos e crianças. Os cheiros no ambiente associam-se aos acontecimentos, o que no futuro resgata lembranças quando novamente os sentimos. Proporcionaram-se novas aprendizagens sobre ervas aromáticas. As crianças participaram de receitas, visitaram algumas plantações e catalogaram as mudas que cada família ou parceiro nos disponibilizou. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

o mundo onde as crianças vivem se constitui um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas [...]. Como integrantes de grupos sócios-culturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores, idéias, objetos e representações sobre os mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cerca (BRASIL, 1998, p. 163).

³ Vencedor do Prêmio Embraco 2009 na categoria Sementinha, concurso realizado anualmente pela empresa Embraco que premia projetos escolares de educação ambiental em três categorias: Sementinha (educação infantil), Semente (1.º ao 5.º ano), Raiz (6.º ao 9.º ano).

O ambiente idealizado e as vivências com o meio natural acarretarão experiências significativas, o que fará o conhecimento se disseminar para todo o âmbito do seu convívio social.



Figura 1 – Espaços oportunizados pelo projeto Um Jardim de Flores, Cheiros e Cores

Observamos as crianças de 4 anos realizando pesquisa no espaço externo a fim de fazer um levantamento do que gostariam de ter nesse espaço. Elas sugeriram que fossem plantadas árvores para dar sombra e frutos.

Não foi possível plantar algumas espécies de frutas escolhidas pelas crianças, por não serem adequadas ao ambiente de educação infantil, o que causou frustrações, mas estas logo foram superadas.

O Núcleo de Educação Ambiental (Neam)⁴ contribuiu no estudo e na análise das sugestões dos alunos e esclareceu o que realmente poderia ser plantado. Com base nisso planejou-se e projetou-se o espaço com árvores e caminhos. Foram realizadas diversas atividades a fim de as crianças aprenderem com conhecimento de causa e com entusiasmo.

A Fundação Municipal do Meio Ambiente (Fundema) fez a doação de mudas das árvores. O plantio foi acompanhado pelo Neam, que orientou de forma estratégica o lugar das árvores de sombra e das frutíferas, possibilitando um caminho de sensações por entre elas com alguns elementos naturais: pedras de rio, areia, madeira de eucalipto...

No momento do plantio das árvores a Embraco presenteou-nos com um pé de jambo, o que gerou muita pesquisa, já que as crianças não conheciam essa espécie. Os pais e os professores buscaram informações, o que proporcionou um grande aprendizado: como são seus frutos, o tamanho da árvore, o formato da copa, músicas referentes ao fruto, representação da árvore por meio do corpo etc.

⁴ Realiza formação continuada na área de meio ambiente na Secretaria Municipal de Educação.

Além de embelezarem, as árvores no ambiente escolar contribuem com a diminuição de ruídos, aumentam as opções de lazer, estimulam uma prática pedagógica diferenciada, diminuem a velocidade dos ventos, propiciam bem-estar físico e emocional aos estudantes, sendo de extrema importância para atingir níveis satisfatórios de qualidade de vida e ensino. Conforme Dohme e Dohme (2002, p. 25),

colocar o jovem e a criança em sintonia com a natureza desperta uma sensação de fazer parte, isso gera amor e responsabilidade [...]. Atividades que causam esse efeito: passeios, observação e interações com a natureza, estudos sobre o ciclo da vida, analogia entre a vida de animais e plantas e a vida humana.

O envolvimento da comunidade escolar e das crianças na pesquisa e elaboração do projeto deixou marcas: no espaço do bosque-pomar o aprendizado e as vivências do plantio e do cultivo serão lembrados sempre que observarem um espaço que pode ser reconstruído com a intervenção humana, de maneira a contribuir com o meio.

O projeto apresenta a natureza com suas belezas, curiosidades e fragilidades, mostra lados positivos e negativos da ação do homem e valoriza a preservação, a diversidade das espécies da flora e os cuidados que devemos ter com a natureza. Pretendeu-se estimular a sensibilização das crianças, dos pais e da comunidade sobre a importância da conservação do meio ambiente.



Figura 2 – Bosque-pomar (dando forma ao caminho de sensações)

CASA NOSSA DE TODO DIA

É na educação que podemos construir uma nova visão social. Se as crianças tiverem vivências em seu cotidiano com ações que colaborem com o meio ambiente, contribuiremos para a formação de cidadãos mais sensíveis no tocante ao uso de recursos naturais.

Observando as crianças no parque em seus momentos de fantasia, as professoras perceberam o interesse delas pela casinha de brinquedos. Levaram para as turmas a ideia de fazer uma casa maior, onde elas pudessem experimentar de uma maneira prática, educativa e prazerosa os papéis sociais que a brincadeira de casinha oportuniza. Chegou-se à conclusão de que a casa deveria ser ecológica e com acessibilidade. Para a sua construção seriam utilizados materiais de procedência adequada e recursos, como iluminação natural, para a sua sustentabilidade, e qualquer indivíduo deveria ter facilmente acesso a ela.

Analisando tal contexto, professoras e alunos projetaram construir a casa de 16 m² com madeira de reflorestamento, telhas de pneu reciclado e paredes de garrafa PET, além da rampa de acesso e porta-janela para maior acessibilidade.

A interação com o meio natural e social leva a criança a viver, experimentar e interagir num contexto de valores, construindo conceitos que serão úteis em sua vida adulta. A reflexão sobre como podemos poupar o meio ambiente usufruindo o que a natureza nos propõe, a coerência e os cuidados específicos de acessibilidade nas construções foram situações discutidas no dia a dia com as crianças.

O projeto foi então apresentado aos estudantes de engenharia da Sociedade Educacional de Santa Catarina (Sociesc), que se interessaram e firmaram uma parceria. Enquanto desenhavam o projeto e realizavam pesquisas e experiências com as garrafas PET, para saber a melhor forma de fixá-las como parede, as crianças estudavam e observavam os diferentes tipos de moradia. Realizaram-se releitura de obras de arte, por meio de imagens de casas das obras de Amandos Sell⁵, passeios para observar os diferentes tipos de moradia, interpretação e dramatização de músicas e de livros infantis.

A casa idealizada e projetada foi aprovada por todos. Então, deu-se início ao fundamento da construção com a participação dos estudantes, dos professores e das famílias. Paralelamente era feita a coleta de garrafas PET, bem como sua limpeza e seu armazenamento.

A continuidade do projeto arquitetônico ficou sob a responsabilidade de um especialista em construção. Coube à comunidade escolar concluir as paredes. Utilizou-se uma média de três mil garrafas PET. Toda a mobília foi projetada e construída também com material reciclado para complementar a casa.



Figura 3 – Limpeza das garrafas e início da construção

NOSSOS PARCEIROS

A comunidade foi de extrema importância para a efetivação dos projetos. Tivemos parceiros financeiros que contribuíram em espécie ou doações de materiais. Também colaboraram parceiros que dividiram seus saberes profissionais, pessoas que doaram mão de obra, tornando possível a transformação do espaço em um ambiente de aprendizagens e descobertas.

Os pais interagiram com os projetos, resgatando a parceria entre família e CEI, contribuíram com pesquisas, participaram da construção, da doação, do plantio de mudas e de todo o planejamento e a estruturação do espaço.

A equipe gestora e os funcionários colaboraram com o projeto com entusiasmo e comprometimento, buscando novos objetivos e estratégias para melhorar a prática pedagógica e possibilitar o aprendizado das crianças.

⁵ Artista plástico joinvilense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar um ensino-aprendizagem eficaz na área ambiental, refletimos nossa prática e replanejamos nossas ações. Por meio do projeto institucional Educação Ecológica, iniciou-se um movimento com a comunidade escolar mediante estudos e pesquisas sobre como colocar em prática atitudes efetivas no ambiente escolar.

A educação ambiental é um assunto discutido no dia a dia na prática educacional, e todos reconhecem a importância da mudança de atitude na sociedade. Nas instituições de educação não é diferente, mas poucas ações são implantadas. A mídia tem divulgado muitas ações, empresas vêm realizando grandes projetos sobre o tema e organizações não governamentais movimentam alguns grupos de pessoas em prol da conscientização para uma mudança de atitude em relação ao meio ambiente.

As ações propostas no CEI Alegria de Viver têm mostrado à comunidade que é possível fazer muito com a participação e a colaboração de todos. Teoria e prática podem gerar maior aprendizado e mudança de atitude no que respeita à preservação dos meios naturais.

Desse movimento foram realizados projetos envolvendo a prática por meio dos cuidados, da redução de gastos dos elementos naturais, do cultivo de plantas, da revitalização dos espaços, que culminaram em visíveis mudanças na prática e no ambiente.

O projeto Um Jardim de Flores, Cheiros e Cores, além de trazer conhecimentos teóricos sobre plantas, sementes, terra, cultivo, insetos, contribuiu para harmonizar o espaço e proporcionar um maior contato com a natureza, possibilitando vivências do cuidado com o ambiente natural. A participação e o envolvimento das famílias no projeto surpreenderam-nos; desde as pesquisas até a finalização das construções, os familiares estiveram presentes, seja contribuindo ou refletindo positivamente na aprendizagem e no interesse das crianças.

Os projetos trouxeram muito estudo, curiosidades e conhecimento sobre as árvores frutíferas e de sombra, esclarecimentos sobre o cultivo das plantas, os tipos, o tempo de crescimento, o tamanho, os tipos de covas para o plantio, a necessidade de adubo, os primeiros cuidados com a muda, os frutos e seus benefícios. Por meio dessas atividades as crianças projetaram espaços com elementos naturais em que podem brincar e aprender com novos desafios, com foco em seus interesses e necessidades.

Refletindo sobre a preservação das construções, o projeto Casa Nossa de Todo Dia favoreceu o acompanhamento das crianças e das famílias nas pesquisas e aprendizagens acerca de diferentes possibilidades de preservar o meio. Elas aprenderam que é possível retirar a madeira da natureza se fizermos o reflorestamento, que materiais como pneus podem ser reciclados e transformados em telhas e que garrafas PET podem virar paredes e móveis.

Observando nosso espaço hoje é perceptível a transformação. A harmonia com a natureza no entorno da instituição, os espaços verdes, coloridos, os insetos, os cheiros diferenciados despertam a curiosidade e risos de contentamento das crianças enquanto elas brincam e exploram os ambientes. Esse resultado só foi possível graças às pessoas que se sensibilizaram pela proposta de mudança e contribuíram de diferentes formas, mesmo que indiretamente, em todo o processo. Cada doação foi bem-vinda e aplaudida por todos: crianças, funcionários e comunidade escolar.

O resultado pedagógico teve destaque na II Mostra Ecológica realizada na instituição. Expuseram-se fotos, atividades das crianças, portfólios, instalações, vídeos, pesquisa e experiências, além de ter havido mostra de sementes catalogadas e das ervas e o delicioso chá.

AGRADECIMENTOS

Pessoas e entidades que contribuíram para a concretização dos projetos idealizados pela instituição:

- Comércios locais (Sonia Modas, Chica Basar, AgroJane, Frutaria da Vila, Igreja Santa Luzia, lojas de materiais de construção, Olaria Cejel, Boa Vista Paisagismo, Puro Brilho, Secretaria Regional do Paranaguamirim, Hebron, Grameira Ouro Verde, Lojas Estrela, Borracharia do Valdir, Miquelute Materiais de Construção, Carol Materiais de Construção, Marcenaria José, Secretaria do Boehmerwald, Agropecuária Gonçalves, Agropecuária Caju, Engenharia Ambiental, Madeireira do Bom Retiro, Madeireira Vieira, Flora Hardt, Floricultura Michels);

- Famílias;
- Professores;
- Funcionários;
- Societes;
- Embraco;
- Instituto Roberto Cau Hansen (IRCH);
- Neam.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Elise P. da Silva (Orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

BERTOLDO, Janice Vidal; RUSCHEL, Maria Andrea de Moura. **Jogo, brinquedo e brincadeira – uma revisão conceitual**. Disponível em: <<http://tele.multimeios.ufc.br/~semm/conteudo/leitura/je/JOGO,%20BRINQUEDO%20E%20BRINCADEIRA%20%20QUESTOES%20CONCEITUAIS.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Brasília, 1998.

DOHME, Vania; DOHME, Walter. **Ensinando a criança a amar a natureza**. São Paulo: Informal, 2002.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância**. Tradução de Deyse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ESTIMULAÇÃO precoce: inteligência emocional e cognitiva. Tradução de Adriana de Almeida Navarro. Barueri: Grupo Cultural, 2009.

FARIAS, Ana Lucia Goulart; PALHARES, Marina Silveira (Orgs.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados / FE-Unicamp; São Carlos: Editora da UFSCar; Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

JOINVILLE. Secretaria de Educação do Município de Joinville. **Proposta Pedagógica para Educação Infantil**. 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Educação, 1998.

MACHADO, Paulo Afonso Leme. **Brincando com o ABC da vida**. 14. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

NICOLAU, Marieta Lucia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (Orgs.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador na infância**. Campinas: Papirus, 2003.

OLIVEIRA, Ana Claudete M. de. Compreendendo a criança. **Revista Professor**, ano XXI, n. 81, jan./mar. 2005.

TV ESCOLA Salto Para o Futuro. **Espaços educadores sustentáveis**. Rio de Janeiro, 2011.

Site consultado

<<http://blog.ceialegriadeviver.blogspot.com>>.



PÁSSAROS NÃO SÃO DE GAIOLA

Patrícia Schulze¹
Elke Krause Leme¹

Resumo: Este artigo apresenta um relato das vivências de crianças durante o ano de 2010 no Centro de Educação Infantil Cachinhos de Ouro no tocante à educação ambiental. A proposta da construção de um espaço convidativo aos pássaros e que privilegiasse a exploração e o contato com a natureza instigou a turma. Buscou-se ampliar os conhecimentos sobre esse animal, desenvolver o senso de responsabilidade e despertar a consciência crítica, estabelecendo as relações existentes entre as aves e sua contribuição para o equilíbrio ambiental. Tendo em mente os benefícios da interação das crianças com a natureza e espaços externos, iniciou-se, com base no conhecimento prévio delas sobre sua visão de mundo e compreensão acerca dos pássaros, um trabalho de pesquisa bibliográfica e de campo.

Palavras-chave: educação ambiental; espaços; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da temática da educação ambiental, que busca a construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltados para a conservação do meio ambiente, e direcionou-se ao cuidado com os pássaros e à adequação de espaços externos. Sabe-se da importância de estar num ambiente no qual se privilegie a interação com outras crianças e adultos, com materiais e recursos diversos, oportunizando um desenvolvimento integral de todas as áreas do conhecimento, mediante uma prática que vê a criança como sujeito do processo educativo.

A escolha do tema justificou-se pela necessidade de ampliar a consciência ambiental que as crianças apresentaram em relação aos pássaros e oferecer-lhes um espaço atrativo que ao mesmo tempo proporcionasse a exploração e o contato com a natureza.

Considerando que a prática educativa deve trazer às crianças contato com a natureza, para nela intervir e construir sua aprendizagem, as ações propostas precisam formar hábitos e atitudes saudáveis no que tange ao meio ambiente.

Diante da relevância e necessidade do tema, apresentamos reflexões e experiências sobre as relações e os espaços na educação infantil que permitam vivências ricas e variadas, levando a significativas aprendizagens.

Por ser direito da criança o contato com a natureza, oportunizou-se por meio de pesquisas, observações e vivências a construção de conhecimentos e atitudes relacionados à adequação de espaços e conservação do meio ambiente indispensáveis à qualidade de vida sustentável. O presente artigo é o relato de uma proposta de intervenção pedagógica no Centro de Educação Infantil (CEI) Cachinhos de Ouro.

¹ Professoras da rede municipal de Joinville.

O PROCESSO EDUCATIVO E OS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As instituições de educação infantil são espaços nos quais a criança se socializa e interage com origens socioculturais, etnias, costumes, hábitos e valores diferentes. Tal diversidade ajuda a enriquecer a experiência educativa.

A atividade humana é eminentemente social e a escola é o lugar mais adequado para que essa atividade se desenvolva além do ambiente familiar, por ser um meio, muitas vezes, mais rico, na medida em que é mais diversificado e pode oportunizar às crianças a convivência com outras crianças e com outros adultos além de seus pais (WALLON *apud* HORN, 2004, p. 16).

Horn (2004) afirma que o grupo social é imprescindível no desenvolvimento da personalidade e da aprendizagem do convívio social da criança. Sendo assim, faz-se necessário que o ambiente seja planejado com o intuito de proporcionar o desenvolvimento integral de todas as áreas do conhecimento, oferecendo diversas possibilidades de exploração e estimulação, com materiais e recursos variados, de modo a privilegiar a interação entre adultos e crianças. Os pequenos precisam de espaços amplos para expandir suas possibilidades corporais e desenvolver o tônus muscular.

Para Vygotsky (*apud* HORN, 2004), o meio social contribui predominantemente para a construção e o desenvolvimento dos indivíduos. Além disso, sabe-se que a criança constrói conhecimentos ao desenvolver ações com as demais.

O planejamento de um espaço desafiador e que promova atividades coletivas mostra-se fundamental para a criança perceber-se como parte integrante da ação pedagógica, pois a forma como o organizamos favorece ou inibe as interações sociais.

Diferentes estudos têm mostrado que crianças que têm contato com a natureza no ambiente da escola são mais saudáveis, as brincadeiras são mais variadas, elas fantasiam mais, têm uma melhor coordenação motora e uma melhor capacidade de concentração. O contato com a natureza diminui o estresse (FEDRIZZI, 1999, p. 19).

Na visita de um pássaro à sala, surgiram comentários sobre deixar ou não os pássaros em gaiolas. Diante do acontecimento, aliou-se o interesse dos alunos à necessidade de conscientização sobre deixar os pássaros livres na natureza.

O CEI está inserido numa área arborizada e possui um amplo espaço externo com algumas árvores e brinquedos de parque, no entanto era limitado no que respeita a possibilidades de exploração, contato com a natureza e presença de pássaros. Levando em conta a problematização, iniciou-se uma pesquisa sobre estruturação dos espaços externos, identificando o local ideal para o comedouro, conforme os objetivos destacados no projeto.



Figura 1 – Área externa do CEI

Assim, o desenvolvimento do projeto foi determinado por fatos que nasceram da experiência do grupo, de sua compreensão acerca dos pássaros e sua visão de mundo naquele momento. Compreendeu-se a necessidade de que as atividades surgissem do interesse das crianças, oportunizando-lhes a pesquisa de fatos interessantes para elas.

Conforme Vygotsky (*apud* HORN, 2004), sabe-se que cabe ao professor interferir na zona de desenvolvimento proximal, mediante espaços e ações que favoreçam a escolha individual e a autonomia da criança.

A relação professor-criança deve se estabelecer de forma respeitosa e cooperativa. A criança precisa ser considerada como um sujeito que interage para a construção de sua aprendizagem, e o professor tem papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente.

Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 2003) afirma que a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem de ser biológico para ser humano. Pela aprendizagem nas relações com os outros construímos os conhecimentos que permitem nosso desenvolvimento mental.

Considerando que as vivências sociais contribuem para a aprendizagem, acreditamos no potencial da criança como sujeito que traz consigo uma bagagem cultural.

O desenvolvimento de um projeto em que a construção do espaço permite a vivência de ricas e variadas experiências certamente inclui a atuação de uma professora que protagoniza junto com seus alunos as situações de aprendizagem. Freire (1992) entende que o desafio do educador é manter-se lúcido, diferenciando o que é história do sujeito que ele retoma naquele momento para poder devolver ao seu dono o que lhe pertence. Para isso conta com um instrumento fundamental, que é a reflexão sobre a prática e sobre a teoria, juntamente com a avaliação e com o planejamento de sua ação cotidiana (HORN, 2004, p. 105).

Por meio de pesquisas, viu-se que as árvores são importantes para os pássaros, pois servem de abrigo e construção dos seus ninhos, além de seus frutos os alimentarem. Constatou-se que não havia árvores frutíferas plantadas na área externa, e propôs-se às crianças plantar algumas.

Após a contação da história *Ah, cambaxirra, se eu pudesse...*, de Ana Maria Machado, que relata a história de um pássaro que enfrentou os poderosos para defender seu ninho, refletiu-se sobre sua mensagem, o que instigou as crianças a contribuir com o meio ambiente, manifestando o desejo de plantar árvores que ofereçam abrigo e alimento aos passarinhos. Ao checar os materiais necessários para o plantio, constatou-se a falta de vasos. Então, os alunos e a professora confeccionaram alguns com garrafas. Em outro momento listaram-se os tipos de árvores frutíferas conhecidas, e escolheu-se a tangerineira. No dia seguinte ela foi semeada, e acompanhou-se o processo de germinação. Cada criança levou sua muda para replantar em casa, e as remanescentes foram plantadas no CEI.



Figura 2 – Plantio de sementes de tangerina

Refletindo sobre o tempo que as árvores levam para desenvolver-se e realizar sua função, as crianças foram questionadas acerca de outras formas de atrair pássaros. Constatou-se, então, o entendimento que possuíam ao relatarem que, para tê-los por perto, deveriam ficar presos em gaiolas, recebendo alimento. Concluiu-se, portanto, que o alimento atrai os pássaros. Fizeram-se pesquisas na internet para descobrir como aproximar diferentes espécies. Viram-se curiosidades e características sobre outros passarinhos.

A educação ambiental

A educação ambiental é reconhecida pela Lei Federal n.º 9.795, de 27 de abril de 1999. No artigo 5.º rege como um dos objetivos fundamentais “o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania” (BRASIL, 1999a).

Na Conferência de Estocolmo, em 1972, concluiu-se que

[...] a finalidade da educação ambiental é formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e problemas com ele relacionados, e que possua os conhecimentos, as capacidades, as atitudes, a motivação e o compromisso para colaborar individual e coletivamente na resolução de problemas atuais e na prevenção de problemas futuros (UNESCO, 1972, p. 2).

A proposta era atrair os pássaros. Percebeu-se, porém, que não havia um lugar adequado para deixar alimento. Por intermédio de pesquisa em sala com as crianças, descobriram-se alguns modelos de comedouros; optou-se pelos de garrafa PET, que foram fixados na área externa. Além disso, foram dispostos galhos de árvores secos com frutas trazidas pelas crianças. Pôde-se observar a aproximação dos pássaros para alimentar-se a cada dia em maior quantidade.



Figura 3 – Crianças alimentando os pássaros

Notou-se nas ações das crianças o desenvolvimento da responsabilidade em relação ao cuidado com esses animais à medida que elas traziam de casa frutas, sementes e grãos, que em conjunto eram colocados no pátio para alimentar os pássaros.

Depois dessas ações surgiu nas crianças um interesse maior pela descoberta de outras espécies presentes nos arredores do CEI. Durante uma roda de conversa, a professora apresentou um binóculo. Após a socialização e sondagem sobre sua função, a professora soube que poucos alunos conheciam o objeto. Oportunizou-se, então, na área externa a exploração do binóculo. As crianças puderam observar pássaros com características diferentes e voos distintos, impossíveis de serem vistos a olho nu.

As observações com o binóculo incorporaram-se no cotidiano das crianças e aguçaram a curiosidade, permitindo novas descobertas e aprendizagens.



Figura 4 – Observando pássaros

As unidades de educação infantil têm como competência desenvolver nos pequenos a consciência ambiental tendo em vista uma sociedade comprometida com o meio e toda forma de vida existente, de maneira a promover mudanças de comportamento, reduzir o consumo e preservar as espécies. Contribui-se, assim, com o meio ambiente, conscientizando sobre o fato de que a natureza não é fonte inesgotável de recursos. A preservação da biodiversidade é fundamental para a nossa sobrevivência.

Durante as brincadeiras no espaço externo as crianças avistaram urubus, e houve relatos de que seu voo se dá em círculos. Sobre essa ave se encontraram fatos interessantes e até então desconhecidos pelas crianças. Por meio de imagens e textos, aprendeu-se que os urubus removem restos de animais em estado de putrefação, que de outra forma acumulariam moscas e outros animais e promoveriam o aparecimento de doenças.

Num outro momento, foi a presença do beija-flor no pátio que encantou e chamou a atenção, o que levou a pesquisas para ampliar o conhecimento sobre tal espécie. Descobriu-se que o beija-flor-abelha é o menor pássaro do mundo e o *Patagonas gigas* é um dos maiores da espécie, o que aguçou ainda mais a observação na área livre a fim de constatar as características e descobrir estratégias para aproximá-los.



Figura 5 – Pesquisando no computador

Mediante as observações e pesquisas realizadas, construíram-se bebedouros para disposição na área externa do CEI, o que atraiu muitos pássaros dessa espécie que vinham alimentar-se diariamente, mesmo com a presença das crianças brincando no mesmo espaço. Uma relação harmoniosa pôde ser observada. As crianças perceberam que não era preciso prender os pássaros para tê-los por perto.



Figura 6 – Preparando os bebedouros

Elas compreenderam que as aves possuem funções ecológicas bem definidas, por isso são importantes e úteis. Ao ingerir as frutas e evacuar as sementes, ajudam a repovoar florestas e jardins e realizam o controle biológico de insetos, larvas e outros animais. O beija-flor, por sua vez, faz o trabalho de polinização. Além disso, sua presença está ligada à qualidade de vida das pessoas, uma vez que os pássaros presenteiam o ambiente com sua beleza, plumagem, cantos e seu modo de vida.

A prática educativa e a consciência ambiental

Além do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as crianças pequenas estão contempladas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

Segundo os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para a Educação Infantil,

reconhece-se a criança como sujeito do processo educacional e como principal usuário do ambiente educacional. Assim, a reflexão sobre as necessidades de desenvolvimento da criança (físico, psicológico, intelectual e social) constitui-se em requisito essencial para a formulação dos espaços/lugares destinados à educação infantil (BRASIL, 2008, p. 21).

De acordo com esses parâmetros, a unidade deve proporcionar às crianças o contato com a vegetação, com espaços ensolarados e sombreados, com grama, terra e caminhos pavimentados, e ter um cuidado especial com o tratamento paisagístico, levando em conta o nível de desenvolvimento das crianças na organização de tais espaços.

Fröebel “acreditava que a escola para crianças pequenas deveria ser um lugar onde as crianças pudessem ter um contato íntimo com a natureza, conviver com animais, plantas e mexer na água e na terra” (HORN, 2004, p. 29).

A sociedade requer que a educação desenvolva cidadãos mais responsáveis desde a educação infantil, pois atitudes, comportamentos, valores, habilidades adquiridas podem ser duradouros se inseridos nessa fase.

As diversas pesquisas propiciaram descobertas que, mediante vivências, foram sendo consolidadas em aprendizagens. Ampliaram-se a motivação e o envolvimento das crianças no desenvolvimento do projeto, desencadeando uma sequência de atividades práticas.

Planejou-se complementar com elementos naturais um local atrativo aos pássaros, que ao mesmo tempo oferecesse inúmeras possibilidades de manuseio e exploração, que instigasse a investigação e a curiosidade das crianças por meio do contato com a natureza.

A definição do espaço e a disposição dos elementos naturais necessários, com os comedouros e bebedouros já dispostos na área externa, aconteceram com a participação dos estudantes. Mobilizaram-se os pais e a comunidade para doação de mudas de plantas, flores, grama e árvores frutíferas. Foram feitos o preparo da terra, a construção dos canteiros e o plantio das mudas recebidas.



Figura 7 – Construindo o espaço para os pássaros

No decorrer das atividades objetivou-se desenvolver o sentido de pertencimento, ao envolver as crianças em todas as etapas da construção, a fim de se sentirem responsáveis pela conservação desse espaço ao interagir com os elementos naturais – os pássaros e os insetos de jardim –, os recursos construídos e dispostos e as demais crianças e professores.

Oportunizaram-se ações de cuidado para a preservação da área construída e ao mesmo tempo privilegiou-se o contato com a natureza, ampliando o desenvolvimento da identidade e a autonomia nas interações.



Figura 8 – Preservando e mantendo o espaço

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos este trabalho por meio de ações pedagógicas fundamentadas, o que nos levou a resultados positivos. Percebemos mudanças de comportamento nas crianças envolvidas no projeto, as quais passaram a compreender que os pássaros devem viver livres para poder exercer sua função de contribuir com o equilíbrio ambiental e que não é preciso prendê-los para tê-los por perto.

Atitudes de responsabilidade e conservação dos espaços e de espécies, no caso os pássaros, são visíveis e ocorrem diariamente mesmo com as crianças brincando no mesmo local. Este, depois de uma adequação, transformou-se num ambiente mais alegre, com vida, oferecendo diversas possibilidades de investigação e exploração, por ser atrativo a várias espécies de pássaros e demais insetos de jardim.

As crianças, tendo maior contato com a natureza e seus elementos, desenvolvem a pesquisa, a observação e ampliam seus conhecimentos. Tornaram-se mais atentas aos pássaros e passaram a valorizar sua beleza, seu canto e sua presença na natureza, além de levarem para suas casas o prazer e a técnica de atraí-los.

A presença dos pássaros também pode ser ligada à qualidade de vida das pessoas, pois eles nos presenteiam com sua beleza, sua plumagem, cantos e seu modo de vida, e o espaço revitalizado oferece novas interações e experiências.

A contribuição das crianças e as doações recebidas dos pais e da comunidade – de mudas de plantas, flores, grama e árvores frutíferas – foram fundamentais para a implementação do projeto.

E assim, seguimos desenvolvendo práticas educativas com vistas a formar cidadãos conscientes da realidade do mundo que os cerca e também do seu compromisso com sua preservação, uma vez que temos consciência de que essas práticas devem estar presentes no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990.

_____. **Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 1999a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília, 2008.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1999b.

FEDRIZZI, Beatriz. **Paisagismo no pátio escolar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas** – a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento** – um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2003.

UNESCO – UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Conferência de Estocolmo**. 1972.



DESCOBRINDO O BRASIL POR MEIO DOS SENTIDOS

Isabel Cristina Carvalho da Silva¹
Luciana Gutzmer Cagneti¹
Maria Terezinha Teixeira Domingos¹

Resumo: Este artigo trata da revitalização do espaço externo do Centro de Educação Infantil Girassol, no ano de 2010, com crianças de 3 a 5 anos. Pensou-se na diversidade cultural do Brasil como tema para essa organização, que se realizou por intermédio do projeto Descobrimdo o Brasil por meio dos Sentidos, explorando as características do nosso país. O lugar pronto proporciona descobertas frequentes pela brincadeira, corporeidade e percepção sensorial e provoca o envolvimento das crianças, da equipe pedagógica e da comunidade.

Palavras-chave: espaço; diversidade cultural; sentidos.

INTRODUÇÃO

Depois de um seminário referente aos conceitos sobre os espaços existentes nas unidades de educação infantil, orientaram-se os funcionários dos centros de educação infantil (CEIs) da rede municipal de Joinville a fazer uma reestruturação que fosse pensada para além dos brinquedos de parque. Percebemos a necessidade de revitalização do ambiente externo do CEI Girassol, de modo a oportunizar os direitos da criança de aprender, se desenvolver e brincar por intermédio da percepção sensorial. Quanto mais amplas as possibilidades oferecidas, mais ricas serão as experiências e motivações.

Pretendia-se provocar reflexão sobre o assunto em toda a equipe do CEI, um novo olhar sobre a aprendizagem que enfatizasse o espaço e contemplasse o movimento enquanto necessidade da criança. Nos termos que descreve Freire (1991, p. 118), “a fala e os gestos corporais acompanham a atividade mental, inclusive porque, sendo assim, mantém-se com o mundo das coisas concretas um vínculo permanente”.

Toda a comunidade escolar opinou sobre o espaço externo que o CEI já possuía e que contemplava, de certa forma, muitas aprendizagens e desenvolvimentos, mas que poderia ser aperfeiçoado: as crianças comentaram em rodas de conversa realizadas com as professoras sobre o que havia nesse ambiente e o que gostariam que ele proporcionasse, e os familiares participaram por meio de pesquisas.

Aos professores se evidenciou a necessidade de realizar o projeto de revitalização do espaço de forma que respeitasse a atividade das crianças e seus diversos modos de se expressar. Acredita-se que a possibilidade de aprendizagem acontece somente no espaço da liberdade, com uma compreensão ampla do desenvolvimento do ser humano, possibilitando

¹ Professoras do CEI Girassol.

maior sentido e amplitude ao seu trabalho. Conforme nos descreve Freire (1991, p. 67), “é necessário dar mais atenção ao brincar, à atividade lúdica, à cultura infantil, como material de trabalho do professor [...]”.

Em pesquisa sobre como problematizar tal desafio na unidade, surgiram duas possibilidades: retratar características de países dos cinco continentes ou a diversidade cultural do Brasil. A possibilidade de explorar nossa cultura foi decisiva para essa escolha.

A diversidade cultural do país mobilizou toda a equipe a desenvolver o projeto e a modificar os espaços para que oferecessem ricas experiências, permitindo à criança conhecer a si mesma e o mundo que a rodeia utilizando os sentidos.

O ESPAÇO E O MOVIMENTO

Os primeiros anos de vida são muito importantes no processo de desenvolvimento do ser humano. É um momento que requer dos educadores conhecimento e muita responsabilidade, de forma que a instituição educativa precisa estar atenta não só ao desenvolvimento de conhecimentos básicos que se limitam à valorização das competências lógico-matemática e linguística, mas também às competências diversificadas.

“No que se refere ao aspecto cognitivo, em primeiro lugar deve-se levar em conta a organização do saber-fazer, o saber corporal, base de toda cognição e fundamental na ação humana por toda a vida” (FREIRE, 1991, p. 110).

Nesse sentido, considera-se relevante repensar o espaço para a expressividade da corporeidade como necessidade humana, permitindo à criança a exploração espacial, a estimulação do desenvolvimento motor e o conhecimento de si e do mundo a sua volta, de modo a despertar sua sensibilidade. Conforme nos descreve Strazzacappa (2001, p. 69), “é o movimento corporal que possibilita as pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos”.

Desenvolver atividades lúdicas observando a cultura infantil por meio do movimento em espaços planejados seria a melhor forma de intervir na ação pedagógica, pois o espaço promove interações, expressividade e sensibilidade, dimensões indispensáveis para o desenvolvimento, a aprendizagem e a cultura humana.

Se a criança é considerada um ser ativo, lúdico, que necessita de um desenvolvimento global, devem-se proporcionar-lhe desafios que coloquem em prática tais capacidades.

Essa questão nos remete para as ideias de Barbosa e Horn (2001, p. 73):

[...] o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

Para que a educação da sensibilidade se materialize na prática educativa, os professores têm de redimensionar suas concepções de infância, de sociedade e de educação, estabelecendo outras maneiras de interagir com os alunos e refletindo também sobre os espaços oferecidos em “sala”, para que estimulem a corporeidade expressa na brincadeira, nos jogos e nas atividades livres. Favorecer o contato com variados elementos promove a sensibilidade, a autonomia e a possibilidade de escolhas.

O que se busca nessa tentativa de compreensão é mostrar que a organização do espaço liberta as crianças para que possam usufruir suas escolhas, suas possibilidades e seu tempo. O respeito pela infância torna o olhar mais sensível. Assim, ao se apropriar de espaços organizados é preciso que estes contemplem as necessidades das crianças, não para tempo ocioso e de espera, mas, ao contrário, um lugar que oportunize aprendizagens e desenvolvimentos.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS: DESCOBRINDO O BRASIL POR MEIO DOS SENTIDOS

Para todo o processo de construção, fizeram-se pesquisa e elaboração do projeto, o qual foi desenvolvido por meio de uma metodologia participativa e lúdica, envolvendo educandos, equipe de profissionais e comunidade. O fio condutor para o trabalho foi uma reunião com a equipe de profissionais do CEI. Nela ficou decidido que as regiões do Brasil seriam pesquisadas e trabalhadas com as turmas.

Entre os encaminhamentos realizados, pesquisaram-se as regiões verificando as vivências que seriam significativas para cada grupo e possíveis de serem retratadas na construção dos espaços. Houve também a troca entre as turmas, que contaram suas descobertas sobre as regiões. Após esse estudo o espaço foi construído por etapas.

A avaliação do trabalho aconteceu no decorrer do processo. Foram elaborados registros diários e fotografias, tudo organizado na forma de portfólio coletivo da turma.

Região Sul²

Para descobrir a Região Sul, a professora trouxe mapas e localizou com as crianças os estados que a compunham. As bandeiras do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul foram exploradas em suas cores e formas.

As características dessa região foram levantadas, primeiramente mediante pesquisas e contribuições das famílias: o chimarrão e o churrasco, típicos do Rio Grande do Sul, mas conhecidos por muitos catarinenses; as muitas ascendências europeias (alemãs, italianas, portuguesas...) do nosso estado e a descoberta empolgante de que Joinville pertence a esse pedaço do Brasil.

Ao descobrirem sua cidade, as crianças mostraram-se curiosas e interessadas pela cultura germânica. Organizou-se passeio para observação das construções estilo enxaimel, tipicamente alemã, e elas provaram comida típica e conheceram trajes e danças alemãs.

A Festa das Flores foi lembrada, e com ela surgiu a oportunidade de sentir perfumes, perceber cores, texturas e formas.

Em meio às experiências vividas o espaço era pensado, várias ideias surgiram. A participação das crianças era muito importante tanto na escolha do que representaria uma das características da Região Sul como na transformação do espaço. Após muitas conversas decidiu-se pela cultura germânica. O pórtico e a calçada das flores, uma homenagem a Joinville, começaram a ser idealizados junto com crianças, profissionais e comunidade escolar. Tampas e fundos de garrafas PET deram vida às calçadas, formando belos desenhos. O espaço representando a Região Sul foi concluído e embelezado com muitas flores.



Figura 1 – Pórtico enxaimel e calçada das flores – Região Sul

² I período matutino – crianças de 4 anos, professora Cíntia Bauer Schutze.

Região Centro-Oeste³

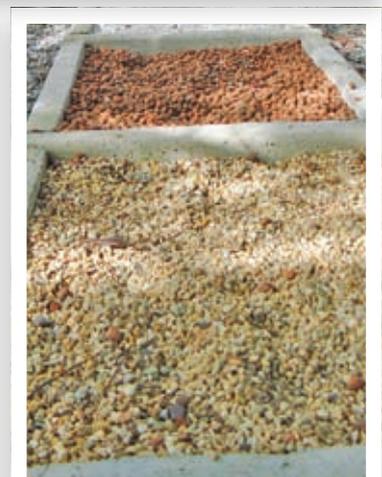
A Região Centro-Oeste ficou conhecida por meio de um mapa do tesouro. As crianças precisaram ir até o final do percurso onde havia uma maleta com um mapa e muitas bandeiras, que foram socializadas e pesquisadas pelas crianças. As bandeiras eram dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Brasília (DF).

As famílias envolveram-se nas pesquisas sobre essa região e também estudaram as suas características. Com base nelas, variadas vivências sucederam-se com muitas explorações: a cobra cascavel, a pitanga, a lenda do curupira, novas formas (côncavo e convexo) e Brasília, como capital do país. Depois veio a localização dos Ministérios, da Explanada do Planalto, do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e “onde mora o Presidente”. Descobriu-se também que a cidade tem formato de avião.

As crianças escolheram Brasília para ressignificar o espaço externo e participaram da revitalização por meio de separação, seriação e sequência lógica com diferentes materiais para criação de jogos e da montagem do avião contornado com pedras.



Figura 2 – Ministérios e Congresso – Região Centro-Oeste



Região Sudeste

Minas Gerais e Espírito Santo⁴

Para estudar essa região, optou-se por trazer imagens de cidades históricas, as quais deram

³ Maternal II matutino, professora Tatiana Joice Schmidt.

⁴ Maternal II vespertino, professora Gislaíne Caetano do Nascimento.

Figura 3 – Caverna de minérios – Região Sudeste

razão para a exploração de sucatas (brincadeiras, observação de rótulos) e construção de maquete. O mesmo se deu com o trem, encontrado em todo o território nacional, mas com características históricas e turísticas em Minas Gerais.

A culinária foi representada pelo pão de queijo, e o grupo preparou e degustou, observando os ingredientes e a quantidade de cada um, uma receita dessa especiaria.

O trabalho com argila foi resultado do contato com as “namoradeiras” e as panelas de barro, peças artesanais.

Outras vivências aconteceram, resultado dos conhecimentos adquiridos: a dramatização da Folia de Reis, a lenda do saci-pererê, a brincadeira do passa anel, coleta e seleção de pedras e brincadeiras com cavernas. Como a Região Sudeste é conhecida também por suas minas de pedras, a obra *O mundo das pedras preciosas*, de Tao Sigulda, foi escolhida pelas crianças para revisitação.

Após tantos desafios, as crianças optaram pela construção de uma caverna e de um caminho sensorial para a revitalização de mais um espaço externo do CEI.

São Paulo e Rio de Janeiro⁵

Por influência da mídia, a maioria das crianças já tinha ouvido falar desses estados e das suas capitais. Por meio de pesquisas sobre características de São Paulo e Rio de Janeiro, muitos conhecimentos e desafios foram vivenciados. Um deles foi na culinária: preparação, experimentação e degustação, destacando-se a *pizza*.

Outro tema gerador de discussões foram as favelas, o que promoveu a elaboração de painel com os principais problemas das duas capitais. A revisitação da obra *Morro da favela*, de Tarsila do Amaral, enriqueceu os comentários.

Música e dança fizeram parte das experiências, e para o baile de carnaval as crianças confeccionaram as fantasias. A praia de Copacabana ficou conhecida pelas crianças, e o mosaico das calçadas típico desse local revitalizou o espaço

externo do CEI. Os alunos colocaram as pedras e deixaram as marcas dos pés na calçada; complementaram com areia da praia, colocação de cadeiras e guarda-sóis.



Figura 4 – Praia de Copacabana – Região Sudeste

⁵ II período matutino, professora Gislaíne Caetano do Nascimento.

Região Norte⁶

Como ocorreu com a exploração das demais regiões, a turma localizou no mapa os estados que fazem parte da Região Norte do Brasil e conheceu as bandeiras, as formas e cores que traziam.

As pesquisas proporcionaram inúmeras descobertas e vivências: o Boi Caprichoso, de cor azul, e o Boi Garantido, de cor vermelha, e sua festa; as lendas do boitatá e do boi-bumbá; a cerâmica marajoara. A obra *Urutu*, de Tarsila do Amaral, foi escolhida para revisitação por causa do predomínio das cobras e das tribos indígenas que havia na região. As pesquisas sobre a floresta, a fauna e a flora foram extremamente importantes para o conhecimento das crianças. Com a floresta veio o estudo de um dos seus moradores, o índio: alimentação, danças, músicas – sons e instrumentos –, linguagens e modos de vida. Os índios têm o costume de tomar chá para o tratamento das doenças, o que surpreendeu as crianças.

Com tantos desafios, optou-se por organizar um lugar de instrumentos musicais, um canto com ervas e uma fonte, complementados por ponte e deque de madeira.

Região Nordeste⁷

Com uma caça ao tesouro o grupo descobriu mapas e bandeiras da Região Nordeste. Novamente a pesquisa das crianças e das famílias mostrou-se fundamental para o encaminhamento dos desafios.

Por meio dela, perceberam a grande diversidade da região, e o nome de algumas cidades foi se

⁶ II período vespertino, professora Cíntia Bauer Schutze.

⁷ II período vespertino, professora Tatiana Joice Schmidt.



Figura 5 – Instrumentos musicais indígenas – Região Norte



Figura 6 – Artesanato e costumes locais – Região Nordeste

destacando, como Fortaleza, Bahia, Recife, além das praias, do artesanato, da culinária, seu ritmo e o carnaval.

A fim de conhecer e apreciar uma das comidas típicas, o acarajé, visitou-se o Mercado Público de Joinville. Outro alimento explorado foi o coco e seus derivados. Para representar a região, optou-se por confeccionar um coqueiro com materiais alternativos. Um vendedor de redes nos explicou por que tal objeto é tão usado pelo povo nordestino. Dessa forma, outros coqueiros foram montados para servir de suporte para as redes, o que proporcionou momentos de lazer, descanso e diversão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio da observação de todo o cenário educativo e dos aspectos mais relevantes e significativos que determinaram o trabalho desenvolvido, idealizou-se a revitalização dos espaços. Os objetivos de favorecer experiências para o desenvolvimento dos sentidos, tendo a participação ativa de crianças e da equipe na construção e no planejamento dos espaços, e de possibilitar o contato com a cultura brasileira mostraram-se determinantes durante a realização do projeto.

Em diversos momentos crianças, profissionais e comunidade escolar usufruem esse espaço em diferentes vivências. A criança, como sujeito de sua própria aprendizagem, avança com autonomia, na busca de experiências e interações que respondam a sua curiosidade nesse espaço, aguçando seus sentidos, ampliando sua capacidade de pensar, de comunicar-se e de compreender o mundo ao seu redor. No local as crianças estão construindo atitudes e opiniões nas interações sociais e com o meio, tornando-se cidadãos sensíveis na relação com o outro.

Com o planejamento do espaço, os professores priorizaram um trabalho que incorporou expressividade e sensibilidade das crianças. Compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações infantis contribuiu para o planejamento e a organização das ações, parte constante da prática pedagógica.

Participar do planejamento e da construção foi um exercício de cidadania e possibilitou a formação do sujeito e a apropriação desse espaço, tornando todos mais responsáveis, com um olhar novo, ressignificado, de quem criou e transformou em “seu”.

Assim, no dia a dia, os objetivos foram se concretizando na interação com o outro, no sentir, no tocar, no cheirar, no relaxar, no descansar e se aconchegar. Novos significados surgiram além da construção proposta do projeto, tanto nos espaços de vivências lúdicas como no material de trabalho das professoras.

Daí a importância de construirmos uma visão integral de educação, capaz de ressignificar os espaços e os tempos, além de respeitar e valorizar a cultura infantil, de modo a permitir que a criança crie brincadeiras que geram sua curiosidade, inquietação, necessidade de movimentar-se e haja um aprendizado efetivo com experiências significativas.

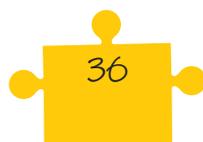
Na prática pedagógica utilizaram-se meios ativos para os desafios propostos, dando espaço para a individualidade e a criatividade com respeito aos educandos. Eles foram receptivos a cada desafio e demonstraram curiosidade, interagindo com alegria nas atividades propostas.

A alegria das crianças e a parceria das famílias, da equipe gestora do CEI e da Secretaria de Educação foram essenciais para a concretização do espaço revitalizado, que lembrará sempre um pouco da cultura do maravilhoso país em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Questões da nossa época: 103).

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Elise P. da Silva (Orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.



BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1991.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **O espaço e o tempo na educação infantil**. Disponível em: <<http://www.fepe.com.br/cienciaseletras>>. Acesso em: 7 abr. 2011.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2000.

ROMAN, Eurilda Dias; STEVER, Vivian Edite. **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ulbra, 2001.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio**. Florianópolis: Cogen, 1998.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SAYÃO, Débora Thomé. Corpo e movimento: alguns desafios para a educação infantil. **Zero-a-Seis**, n. 5, jan./jul. 2002.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 53, 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 53, 2001.

ESPAÇOS DE DESCOBERTAS

Adriane da Silva¹

Resumo: Este trabalho visa apresentar o projeto Espaços de Descobertas, desenvolvido no Centro de Educação Infantil Jardim Sofia, em Joinville, que tratou da revitalização dos espaços externos. O projeto teve início em 2010 e foi concluído em 2011. A educação infantil deve garantir que a criança brinque livremente, para que possa expressar seus pensamentos e suas emoções. Assim, foram criadas novas áreas ao ar livre, como a casinha da árvore, o pergolado, o cantinho das artes, entre outras. Atividades ao ar livre remetem às brincadeiras de antigamente, quando as crianças podiam brincar e criar suas próprias experimentações. Diante disso, faz-se uma reflexão sobre a criação desses ambientes e a ação das crianças sobre eles, suas mudanças de atitude e o envolvimento com a natureza que as cerca.

Palavras-chave: revitalização; espaços; brincar.

INTRODUÇÃO

A organização dos espaços constitui um instrumento fundamental para a prática educativa. Sendo assim, é necessário planejar a maneira mais adequada de organizar tais ambientes. Dessa forma, percebeu-se a importância da criação de novos espaços no Centro de Educação Infantil (CEI) Jardim Sofia. Para a criança é imprescindível que haja uma variedade e diversidade de opções nas experiências que lhe são proporcionadas. Os espaços tornam-se locais de descobertas que promovem desafios, estimulam a busca por novos conhecimentos, favorecem a autonomia e independência dos pequenos. O entrelaçamento da utilização desses locais nas brincadeiras livres com os projetos desenvolvidos nas turmas torna-se importantíssimo para a aprendizagem, garantindo estímulos para o desenvolvimento integral do aluno.

Objetivando proporcionar ambientes que favoreçam o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança de forma lúdica e prazerosa, o projeto Espaços de Descobertas foi posto em prática. Sabe-se que nos tempos atuais está cada vez mais difícil encontrar crianças brincando livremente em áreas abertas; normalmente elas ficam isoladas em suas casas, envolvidas pela televisão e por jogos de computador, ao contrário da infância de tempos atrás, quando podiam brincar ao ar livre e passar horas explorando a natureza, pendurando-se em árvores ou inventando jogos com elementos naturais. Em observações realizadas notou-se que algumas crianças tinham receio de andar descalças pela grama, pois estavam acostumadas a andar apenas de sapatos. Andar descalço é uma atitude tão simples, mas que, para algumas delas, se tornou uma experiência significativa.

Quando falamos em estimular a ida a espaços externos, queremos não somente incentivar as crianças a isso, mas também quebrar o paradigma de alguns professores que ainda resistem ao seu uso. Então, inicialmente se realizou um estudo com os docentes, de modo a resgatar a infância e as vivências de seu tempo de criança.

Da reflexão proposta os professores iniciaram os trabalhos de revitalização dos espaços e contaram com a ajuda dos pais, dos educandos e de outros colaboradores.

¹ Professora da rede municipal de Joinville.

A CRIANÇA E O ESPAÇO QUE A CERCA

O CEI está localizado longe da região central de Joinville e é cercado por uma grande área verde. Do pátio se podem ver muitas árvores, montanhas e um rio que passa próximo. Muitas vezes se consegue ver a chuva chegando lá longe, por ser um lugar alto. Em sua parte externa havia uma grande área de brita, um parque estruturado, tubos de concreto e áreas de grama plana. As brincadeiras eram restritas e sem muitos desafios. No cotidiano, muitas vezes as belezas da natureza ao redor passavam despercebidas. Mas com essa diversidade de elementos além do muro por que não aproximar as crianças de tão significativas possibilidades?

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “nos primeiros anos de vida, o contato com o mundo permite a criança construir conhecimentos práticos sobre seu entorno, relacionados à sua capacidade de perceber a existência de objetos, seres, formas, cores, sons, odores, de movimentar-se nos espaços e de movimentar os objetos” (BRASIL, 1998).

A ideia de propor espaços com significado vem ao encontro da necessidade de proporcionar situações em que as crianças possam ser agentes de sua própria aprendizagem, tornando-a, assim, mais efetiva. De acordo com Gandini (*in* EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999), “a fim de agir como um educador para a criança, o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação freqüente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades e serem protagonistas na construção do seu conhecimento”.



Figura 1 – Crianças plantando



Figura 2 – Ateliê de artes

Quebrando paradigmas

O objetivo era trazer os pequenos para fora da sala e vivenciar novas experiências, fazendo com que os professores sentissem a necessidade de expandir também os limites externos da sala. No primeiro estudo propôs-se aos docentes uma viagem no tempo em que cada um teria de escrever, desenhar e relatar suas memórias referentes ao seu tempo de infância, às brincadeiras que mais marcaram esse período e aos lugares nos quais brincavam. Assim, foi possível fazer um comparativo sobre essas memórias e as brincadeiras propostas hoje. Percebeu-se a grande diferença entre as atividades, e após os relatos refletiu-se sobre o tema, que fez o grupo analisar e repensar o trabalho. Diante desse paralelo os professores puderam analisar sua prática. Realizaram-se também uma análise sobre a concepção de criança e, após, uma discussão em grupo.

Ampliar o conhecimento das crianças em relação a fatos e acontecimentos da realidade social e sobre elementos e fenômenos naturais requer do professor trabalhar com suas próprias idéias, conhecimento e representações sociais acerca dos assuntos em pauta. É transmiti-los nas ações com as crianças (BRASIL, 1998, p. 195).

Durante o ano foram sugeridas atividades para revitalização dos espaços externos nos projetos desenvolvidos nas turmas, o que vem gerando resultados positivos.

Segundo Carruthers (2007, p. 203), “para adotarmos e proporcionarmos às crianças experiências ao ar livre realmente valiosas e sustentáveis precisamos repensar todo o nosso currículo tradicional orientado para espaços internos”.

Na segunda etapa do projeto, em 2011, as atividades em áreas externas aconteceram com mais frequência. Notou-se mudança de comportamento nas crianças, que agora experimentam e vivenciam muito mais suas possibilidades de exploração, mostrando-se mais integradas a todos os espaços do CEI.

Explorando os espaços

A fim de que as professoras levassem os educandos para explorar as novas áreas, foi sugerido a elas fazer uma análise juntamente com os grupos sobre suas preferências e, assim, desenvolver atividades envolvendo-os nesses ambientes. Desde então todos começaram a se envolver e, por conseguinte, utilizar cada vez mais os espaços externos.

A creche e a escola da infância podem e devem ser o melhor lugar para a educação das crianças pequenas – crianças até os 6 anos – , pois aí se pode intencionalmente organizar as condições adequadas de vida e educação para garantir a máxima apropriação das qualidades humanas – que são externas ao sujeito no nascimento e precisam ser apropriadas pelas novas gerações por meio de sua atividade nas situações vividas coletivamente. O conjunto de estudos desenvolvidos pela ótica histórico-cultural aponta como condição essencial para essa máxima apropriação das qualidades humanas pelas crianças pequenas o respeito às suas formas típicas de atividade: o tateio, a atividade com objetos, a comunicação entre as crianças, e entre elas e os adultos, o brincar (MELLO, 2007, p. 3).



Figura 3 – Bebês no pergolado

O espaço do pergolado ficou muito aconchegante e ficará ainda mais quando as trepadeiras plantadas ao seu redor cobrirem a pérgola, oferecendo sombra.

Os bebês ficam à vontade nesse espaço, como também as outras turmas em momentos de leitura, releituras de obras de arte ou mesmo nas brincadeiras em que exploram a imaginação.

O espaço das artes é muito utilizado para pinturas no azulejo. Nas mesas ao ar livre diversas atividades de massinha, argila e tinta são vivenciadas diariamente. No solário da turma do Maternal 1 também foi instalada uma parede de azulejo para tal finalidade.

Os banquinhos que ficam espalhados pelo pátio da unidade servem para a criança sentar, andar sobre “a ponte”, formar um ônibus ou trem, ou seja, transformam-se de acordo com as brincadeiras.

A área de grama, antes um espaço plano, hoje apresenta dois túneis que formam pequenos morros. O espaço é muito frequentado nos dias de sol; as crianças correm, rolam, pulam e se divertem muito.

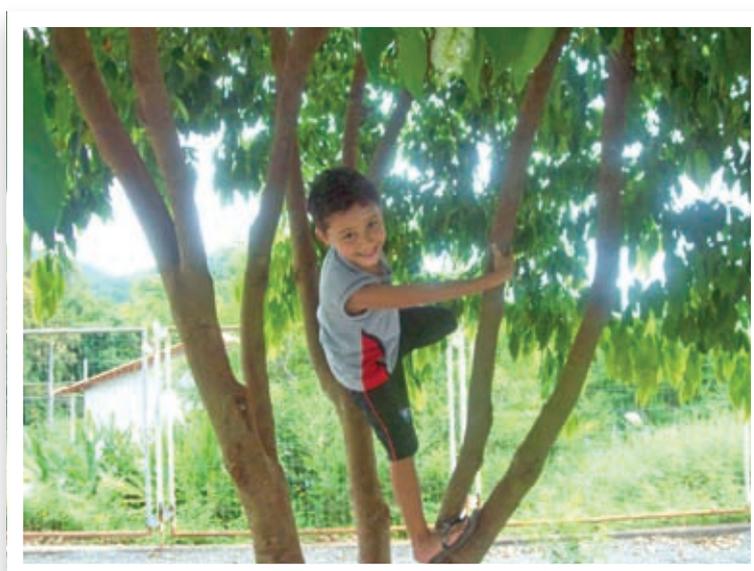


Figura 4 – Brincando na árvore

Todas as turmas exploram a casinha da árvore. Para chegar até ela se faz necessário atravessar uma ponte e subir a escada. Em uma de suas extremidades existe uma ponta, imitando a proa de um navio. Nesse local os pequenos, do berçário à turma de 5 anos, inventam e reinventam brincadeiras.

Na primeira fase do projeto plantaram-se duas árvores no parque. Uma delas já está sendo explorada pelas crianças, que nela sobem e se divertem. Mais duas árvores foram plantadas e, desde já, oferecem desafios às crianças por meio da observação de seu crescimento.

Também se projetou um espaço de areia, muito disputado pelas turmas do maternal, que chegam com seus baldinhos e moldes para criar formas ou somente para sentir os pés descalços em contato livre com a areia.



Figura 5 – Espaço interativo

Entre a área de grama, brita e areia instalaram-se pneus, que foram pintados e deram forma e beleza ao lugar. As crianças andam sobre eles, pulam ou apenas sentam-se para conversar.

As experiências vividas nesses novos espaços promovem aprendizados significativos para o desenvolvimento global das crianças, e quanto mais desafios forem oferecidos a elas mais relações vão estabelecer com o mundo que as cerca e assim criar conceitos sobre ele.

De acordo com Barbosa e Horn (2008), “a inteligência vai sendo formada à medida que o sujeito se vê frente a situações desafiadoras, enfrentando problemas – reais ou abstratos – que se constituem na dinâmica cotidiana das relações dos indivíduos com o meio”.

Durante as observações diárias realizadas pelos professores, novas ideias de exploração vão sendo aplicadas. Os pequenos descobrem formas diferentes de brincar a cada dia, o que confirma a ideia de que, quanto mais as crianças são desafiadas, mais desenvolvem suas potencialidades.

Novos desafios

Com o projeto institucional Espaços de Descobertas, outras propostas estão sendo estudadas. Já estamos com mais projetos encaminhados, mas, além disso, a equipe pretende melhorar e revitalizar periodicamente a área externa, propondo novos projetos que podem ser implantados na unidade.

Os projetos institucionais tornam o trabalho de grupo ainda mais produtivo e envolvem toda a comunidade de maneira organizada em prol de um objetivo, o que viabiliza questões pedagógicas e financeiras. Assim, é possível manter a busca por novas possibilidades educacionais, novos olhares sobre o espaço e sobre a criança, como as parcerias que envolvem a comunidade no cotidiano da unidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a reestruturação dos espaços do CEI, percebemos que os professores estão mais motivados e as aulas se tornaram mais dinâmicas e criativas.

As crianças, na utilização dos novos espaços, fazem suas escolhas, desenvolvem suas potencialidades e, assim, criam vivências e trocam aprendizagens umas com as outras, percebendo-se como parte do mundo no contexto em que estão inseridas e, nessa perspectiva, se transformam.

Agradecemos às parcerias estabelecidas a efetivação do projeto e o trabalho de equipe, que favoreceu a partilha de ideias e a soma de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

CARRUTHERS, Elisabeth. As experiências das crianças ao ar livre. *In*: MOYLES, Janet *et al.* **Fundamentos da educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância**. Tradução de Deyse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./jun. 2007.

MOYLES, Janet *et al.* **Fundamentos da educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

INVENTANDO MODA NOS ESPAÇOS DO CEI

Patrícia Regina de Carvalho Leal¹
Regiane Cristina Casagrande¹

Resumo: Este artigo apresenta uma síntese do projeto Inventando Moda nos Espaços do CEI, realizado no Centro de Educação Infantil Mundo Azul e que contou com o envolvimento da comunidade, das crianças e dos funcionários. Aborda-se de forma simples e clara toda a trajetória que encantou principalmente as crianças. Com o desafio de revitalizar os espaços da área externa, cada turma adotou um espaço no segundo semestre do ano de 2010. Com as iniciativas, foi possível perceber como os educandos brincam e interagem e a importância da mudança para todos os envolvidos.

Palavras-chave: criança; brincar; projetos.

INTRODUÇÃO

O projeto institucional Inventando Moda nos Espaços do CEI é resultado do desafio proposto pela Secretaria de Educação após a observação, por sua equipe, dos espaços externos dos centros de educação infantil (CEIs) da rede municipal de Joinville. Um dos desafios seria transformar os espaços, oportunizando às crianças o contato mais próximo com os elementos da natureza: o ar, a terra e a água.

Diante da proposta, os professores e a coordenadora pedagógica do CEI Mundo Azul buscaram aprimorar os estudos sobre como trabalhar com os projetos na educação infantil. A equipe gestora sugeriu a leitura da obra *A organização do currículo por projetos de trabalho*, de Fernando Hernández e Ventura Montserrat (1998), cujo assunto trata da importância de reorganizar o currículo por projetos. Segundo os autores, o educador deve deixar o papel de “transmissor de conteúdos” para se transformar em um pesquisador, e o educando, por sua vez, passa a ser o sujeito do processo ensino e aprendizagem. Na proposta da pedagogia de projetos, os estudantes participam ativamente desde sua construção até a reflexão final de todo o percurso. No CEI realizaram-se vários encontros de formação, para reflexão sobre os espaços que já possuíamos e as metas que foram traçadas a curto e a longo prazo. Surgiram, então, várias dúvidas: Como envolver as crianças, os funcionários, a Associação de Pais e Professores (APP) e as famílias no projeto? Por onde começar, se dispomos de pouco espaço físico? E como aproveitar as demais áreas?

Realizando um diagnóstico detalhado dos espaços e da problemática com a qual deparamos, nossa pesquisa e ação direcionaram-se para os educandos. A proposta e o desafio de revitalizar os espaços desencadearam diferentes projetos para cada turma, e as professoras, ao observarem os ambientes com as crianças, puderam adotá-los para iniciar suas vivências.

¹ Professoras do CEI Mundo Azul.

Buscou-se fundamentar a prática tendo como referência Madalena Freire (1983), que relata experiências no cotidiano da educação infantil de maneira a permitir que as crianças brinquem nos diversos espaços internos e externos da instituição da qual fazem parte e se apropriem deles por meio de sua participação efetiva.

PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA MANEIRA DIFERENTE E QUESTIONADORA DE APRENDER

Inserida em um ambiente pedagógico, a criança busca interagir e se relacionar com o que está a sua volta de acordo com o que lhe é oferecido e com o significado que ela atribui no momento ao brinquedo e às brincadeiras propostas pelo adulto.

Buscou-se com os projetos auxiliá-las nessas descobertas por meio dos espaços oferecidos e da mediação das professoras nos momentos do brincar. Hernández e Montserrat (1998, p. 63) afirmam:

[...] a organização dos projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem. [...] a aprendizagem, nos projetos de trabalho, se baseia em sua significatividade [...].

É importante ressaltar que todo o processo se inicia com conhecimentos prévios e as próprias crianças atuam no encaminhamento das futuras ações, decidindo e argumentando. “O questionamento é o principal ponto de partida para qualquer projeto. É através da instigação que a criança sente-se incentivada a desenvolver sua aprendizagem de maneira natural e motivadora” (HERNÁNDEZ; MONTSERRAT, 1998, p. 68).

Nessa perspectiva, a equipe do CEI Mundo Azul optou por trabalhar com os projetos. As crianças relataram os conhecimentos prévios, buscaram novas informações e utilizaram os conhecimentos e recursos construídos com diálogos e pesquisas, atribuindo um sentido amplo aos projetos. Acredita-se que essa seja a melhor proposta de trabalho para a educação infantil.

DESCOBERTAS E VIVÊNCIAS

Em seu livro *A paixão de conhecer o mundo*, Madalena Freire (1983) presenteia-nos, por meio de seu relato, com o pulsar vivo das descobertas diárias, as dúvidas das crianças e o descobrir do mundo. Acreditando na parceria da comunidade, dos funcionários e dos alunos e considerando as vivências realizadas em sala e fora dela, cada vez mais nos propusemos a pesquisar e tentar mudar a prática, que antes era abordada com temas geradores, com pouco significado para as crianças.

O projeto Descobertas na Piscina surgiu após uma roda de conversa e visita das crianças com a professora Viviane Tank de Lima (turma de 4 anos) aos espaços do CEI. A professora, sempre atenta e observadora nas relações dos educandos enquanto brincam, ouviu-os dizer que desejavam dar banho nas bonecas, logo precisavam de bacias. Então, ela sugeriu a colocação de uma piscina grande de plástico num espaço externo escolhido pela turma. Os pequenos ficaram eufóricos com a novidade, pelo fato de mais amigos poderem entrar nas brincadeiras.

Muitas hipóteses foram levantadas sobre as atividades e descobertas que poderiam ser realizadas na piscina. O centro de interesse das crianças, com o projeto, era brincar e participar de atividades inusitadas; a professora teria o importante papel de trazer as novidades e os desafios. As crianças deram ideias de algumas brincadeiras: pescaria, criar uma piscina de bolinhas, mexer com lama, jogar água nos amigos utilizando uma seringa, ouvir história, dar banho nas bonecas, fazer barquinhos e soltá-los na água.

As figuras 1 e 2 mostram dois momentos significativos para as crianças:



Figura 1 – Contação de histórias na piscina



Figura 2 – Brincando com barquinhos

O projeto Canto das Plantas surgiu numa roda de conversa da turma da professora Patrícia (turma de 5 anos), e escolheu-se o espaço. Enviamos para a casa de cada criança a ideia do projeto para socializar com as famílias, e o apoio de todos foi fundamental para a revitalização. As crianças fizeram pesquisas sobre as plantas que poderiam compor esse espaço.

Elas trouxeram muitas mudas e puderam observar, plantar e cuidar das plantinhas. Esse momento foi muito importante para elas, pois algumas moram em apartamentos, e outras, cujos pais trabalham, não teriam tal oportunidade em casa.



Figura 3 – Plantando nos canteiros

Os alunos da professora Regiane (turma de 4 anos), curiosos como sempre, observaram que a entrada do CEI, revitalizada havia pouco tempo, precisava de mais cor e vida. Durante as rodas de conversa várias ideias surgiram, e a renovação da horta foi abraçada por todos. O espaço era pequeno, e antes só havia cultivo de ervas. A participação dos pais nesse momento tornou-se muito importante, porque eles precisavam fazer uma pesquisa junto com as crianças sobre os diferentes tipos de horta que conheciam. Mediante votação, as crianças escolheram o formato mais adequado para que pudessem plantar sem dificuldades. Elas direcionaram as

atividades do projeto e foram relatando para a professora as etapas previstas. Construíram primeiramente uma maquete, a fim de visualizar como ficaria a horta, escolheram o que iriam plantar, visitaram um comércio de plantas para comprar as hortaliças e selecionaram as ferramentas necessárias. Garrafas PET, pintadas com corante, serviram para contornar e deixar a horta mais bonita.

As figuras 4 e 5 evidenciam alguns momentos especiais para as crianças:



Figura 4 – Plantando na horta



Figura 5 – Espaço revitalizado

A professora Viviane (turma de 4 anos) é uma excelente contadora de histórias e sempre surpreende ao caracterizar-se de diversas personagens: dona Joaninha, Fada dos Números, vovó Luzia, dona Pink, Borboletinha e Emília. Tal atitude encanta a todos, sejam os funcionários, sejam os pais durante as reuniões, e acolhe as crianças com belas histórias. Por esse motivo, as crianças sugeriram que deveriam criar um cantinho para a boneca Emília.

No espaço escolhido por elas havia uma estante com livros à disposição. Aos poucos o projeto foi ganhando vida. Os pais, sabendo da proposta, começaram a enviar alguns objetos, caixotes, mesas pequenas e bancos sem pintura; tudo foi ganhando cores com a pintura feita pelos pequenos.

Barbosa e Horn (2001, p. 73) acreditam que o espaço físico “ajuda a reestruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais”. Dessa forma, ao pensarmos no espaço para a educação infantil, devemos levar em consideração que o ambiente precisa ser composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

Trabalhando nessa perspectiva e concordando com o que as autoras citadas colocam, no cantinho da Emília as mobílias nunca estão no mesmo lugar e nunca são aquilo que parecem ser. Quando as crianças brincam no espaço, os caixotes transformam-se em prateleiras, bancos, berços, mesas e outras coisas mais que elas possam inventar. Folhas, pedras, areia e gravetos encontrados no pátio e no parque são trazidos para fazer parte do faz de conta. Observamos que as crianças brincam, criam, interagem, dialogam e inventam muitas possibilidades. O espaço já foi explorado como casinha, restaurante, pizzaria, vendinha, para ouvir história, nos momentos livres ou em atividades programadas pela professora da sala, como a aula de culinária, e durante as brincadeiras livres.



Figuras 6 – Organizando o cantinho da Emília



Figura 7 – Interagindo no cantinho da Emília

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equipe gestora constatou que os trabalhos realizados por meio dos projetos foram fundamentais no processo de revitalização dos espaços.

Para que as crianças, os funcionários, as professoras, a APP e a comunidade estivessem envolvidos nessa aventura, foi necessário superar as dificuldades iniciais e encantar a todos com a proposta.

Por intermédio dos projetos das turmas, oportunizaram-se diversas experiências envolvendo os elementos da natureza: ar, terra e água. A expectativa dos adultos mostrou-se além do esperado num espaço tão curto de tempo.

O espaço externo tornou-se explorável, alegre, criativo, dinâmico e pronto para ser novamente redescoberto por novas turmas.

As famílias participaram efetivamente do processo de revitalização. A equipe do CEI agradece imensamente o envolvimento da comunidade, das empresas parceiras e dos funcionários.

O resultado de todo o projeto pode ser apreciado e comentado no *blog* do CEI pelo endereço <http://www.ceimundoazul.blogspot.com>.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Elise P. da Silva (Orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HERNÁNDEZ, Fernando; MONTSERRAT, Ventura. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NOSSO ESPAÇO... NOSSO LUGAR...

Claudia Vons Kadlubowsky¹
Cristiane Luiza Roterme¹
Daniela Dienieidi Brich Ribeiro¹
Julcimara Trentini¹
Patricia Oliveira de Souza¹
Simone Cidral Stringari¹

Resumo: Este artigo tem a finalidade de relatar a trajetória do Centro de Educação Infantil Luiza Maria Veiga na conquista de um espaço externo mais amplo, proporcionando um ambiente mais adequado e com mais qualidade para as crianças, assim como as modificações que percebemos serem necessárias para garantir um melhor aproveitamento do tempo e do espaço. O novo ambiente foi dividido em três áreas, as quais permitem, além do desenvolvimento motor, a fantasia, a imaginação e o contato com a natureza. Os projetos de revitalização partiram da leitura/observação do grupo de crianças no dia a dia, seguidos de pesquisas bibliográficas que deram suporte e embasamento teórico. Todos os espaços foram pensados para e com as crianças, respeitando o direito que elas têm de construir a sua autonomia, a sua identidade, bem como o seu conhecimento.

Palavras-chave: espaço; criança; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Organizando o espaço

Atualmente a criança ingressa no centro de educação infantil (CEI) com 4 meses de vida; muitas permanecem em tempo integral, cada dia da sua infância, e voltam para o convívio da família somente no final do dia. O tempo de convívio em família fica reduzido. Sendo assim, o tempo-espaço da educação infantil exerce na vida da criança um papel fundamental e distinto dos demais tempos e espaços. Por isso, precisa ser pensado, discutido, refletido e pesquisado.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI – BRASIL, 1998), o espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que os pequenos possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário que o ambiente seja versátil e permeável à sua ação e sujeito às modificações propostas pelos educandos e professores, em função das ações desenvolvidas.

Considera-se a organização dos espaços internos e externos, bem como dos materiais, um instrumento fundamental para a prática educativa com as crianças. Isso implica, para cada trabalho realizado com elas, a necessidade de planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala de aula, assim como de introduzir materiais específicos para a montagem de ambientes novos, ligados aos projetos em curso.

O RCNEI defende ainda que

¹ Professoras da rede municipal de ensino de Joinville.

[...] espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e mobiliários não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição, constituindo-se em poderosos auxiliares da aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 68).

Assim, coube a cada grupo de profissionais de uma determinada instituição organizar o espaço de acordo com seus objetivos pedagógicos, tendo em vista o convívio das mais variadas diferenças, de modo a permitir a realização de atividades individuais, em pequenos e em grandes grupos, atividades de concentração, de folia, de fantasia: atividades para movimentos de todo tipo que propiciassem a emersão de todas as dimensões humanas, de acesso a situações e informações diferentes daquelas que as crianças têm em casa e/ou vão ter na escola, destacando principalmente o direito ao não trabalho, o direito à brincadeira, enfim, o direito à infância.

Pode-se afirmar, então, que os CEIs, partindo do pressuposto de que a criança é capaz de múltiplas relações, devem oferecer espaços flexíveis e versáteis diferentes dos da casa e da escola, incorporando vários ambientes de vida em contexto educativo que possibilitem novidades a serem criadas tanto pelos pequenos como pelos adultos e que, portanto, estão em permanente construção, assim como a infância.

UM SONHO DE PARQUE...



Figura 1 – Entrada antiga

No início de 2003 a equipe de gestores e professores do CEI Luiza Maria Veiga iniciou a discussão sobre algumas iniciativas: revitalização externa, compra do terreno ao lado e de equipamentos e brinquedos para o parque. Nosso objetivo era ampliar o espaço externo e proporcionar um ambiente mais adequado e com mais qualidade para as crianças, pois os únicos espaços existentes eram as laterais e a frente da unidade, constituídas por brita. Por esse motivo, inúmeras vezes nos deslocamos em busca de outros locais que fossem desafiadores e oportunizassem o desenvolvimento motor, a fim de que a criança pudesse andar, subir, descer, pular e aprender a controlar o próprio corpo.

Em agosto de 2003 começaram as negociações para a compra do terreno. Por meio da parceria entre a Associação de Pais e Funcionários e a Prefeitura de Joinville, em 24 de setembro do mesmo ano foi publicado o Decreto n.º 11.364, que confirmou a aquisição.



Figura 2 – Terreno para construção do parque

Cada movimento em nosso novo espaço era acompanhado pelas crianças, pelos pais e pelos profissionais da unidade. Fizeram-se questionamentos, desenhos e enquetes envolvendo toda a comunidade escolar. O tema foi explorado em sala, buscando a participação das crianças. Assim que as obras começaram, as janelas do CEI passaram a ser cantinhos disputados. Todos queriam avistar as máquinas trabalhando e as caçambas depositando barro e areia.

Em pouco tempo tínhamos um espaço amplo que possibilitava encontros e favorecia o exercício amplo da liberdade.



Figura 3 – Primeiro parque – terreno britado

Embora nosso sonho tenha se tornado realidade e a conquista do parque tenha sido motivo de alegria para todos, percebemos no dia a dia que o modo como estávamos disponibilizando o espaço e o tempo de parque não garantia a segurança necessária; ainda era preciso fazer alguns ajustes para que as crianças pudessem aproveitá-lo melhor.

De acordo com a Proposta Pedagógica de Educação Infantil do município de Joinville,

o espaço torna-se parte integrante do projeto pedagógico da instituição, ou seja, como organizá-lo, equipá-lo e enriquecê-lo para que se transforme em fatores estimulantes da atividade, ou como facilitador ao acesso das crianças às aprendizagens. Portanto, é parte integrante da ação pedagógica, observando que o espaço é uma construção temporal, que se modifica de acordo com as necessidades do grupo (JOINVILLE, 2003, p. 26).

Para as crianças circularem com independência no espaço escolar, é imprescindível um bom planejamento que garanta todas as condições de segurança. Os brinquedos do parque têm de estar bem fixados em área gramada ou coberta com areia, e não sobre área britada ou cimentada.

O espaço, externo e interno, deve permitir o fortalecimento da independência das crianças: mesmo sendo seguro, não precisa ser ultraprotetor, isto é, em nome da segurança não pode impedir experiências que favoreçam o autoconhecimento dos perigos e obstáculos que o ambiente proporciona. Assim, os pequenos vão aprender, por exemplo, a subir e a descer, a tomar cuidado redobrado quando depararem com o novo.



Figuras 4 e 5 – Parque atual

Na área externa é interessante criar espaços lúdicos alternativos e que permitam a fantasia, a imaginação, a aprendizagem, o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção, um lugar onde as crianças corram, balancem, subam, desçam e escalem objetos diferenciados, se pendurem, escorreguem, rolem, joguem bola, brinquem com água e areia, se escondam.

Com base em pesquisas (BRASIL, 1998, p. 69) que indicam que ambientes divididos são mais indicados para estruturar espaços para crianças, em vez de grandes áreas livres, pois se entende que os pequenos interagem melhor em grupos quando estão em espaços menores e mais aconchegantes, de onde podem visualizar o adulto, pensamos em uma nova adaptação para o parque com o objetivo de torná-lo multifuncional.

Dividimos o espaço em três áreas: miniquadra, vila de casinhas e o parque. Este, com a nova proposta, ganhou um gramado, deixando-o mais seguro e atraente.

A vila de casinhas, então chamada de vila da imaginação, foi elaborada por professoras com o objetivo de oferecer um espaço no qual as crianças se apropriem da interligação entre o real e o imaginário, de maneira a criar condições para o seu desenvolvimento integral e promover sua participação em ações que construam a sua identidade cultural.

Iniciou-se, então, um estudo com embasamento teórico que justificasse a criação de cada espaço/casinha. Analisando o grupo de crianças e observando suas brincadeiras, optamos por estruturar a vila com oficina mecânica, loja de roupas, mercearia e verdureira, salão de beleza, restaurante e escola, todos os ambientes com mobiliário adequado à idade dos educandos.

O espaço favorece a vivência de várias profissões. Os brinquedos de faz de conta funcionam como elementos introdutórios e de apoio à fantasia, facilitam o processo de simbolização e propiciam experiências que aumentam o repertório de conhecimentos da criança e a compreensão de atribuições e de papéis.

Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos. “Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam” (BRASIL, 1998, p. 27).

Um capacete de bombeiro certamente ajudará o menino a sentir-se adulto e forte como um bombeiro; paletós, gravatas, brincos e pulseira estimularão o jogo simbólico, enriquecendo o faz de conta e facilitando a representação de papéis. Quando a menina faz de conta que é mãe, assumindo seu papel, passa a entender melhor suas atitudes.

Para a vida futura, o desenvolvimento da imaginação na infância é fundamental: de um lado, para enfrentar os problemas do dia a dia, resolver conflitos, superar situações difíceis ou dolorosas; de outro, para criar situações, elaborar novas formas de trabalho, organizar a vida familiar e as ações comunitárias, aprender os conhecimentos ensinados na instituição. Mas é preciso lembrar que o desenvolvimento da imaginação depende do meio em que a criança se encontra e das possibilidades dadas a ela para experimentar, conhecer e explorar os elementos ao seu redor.

Para dinamizar a utilização e o melhor aproveitamento da vila, o corpo docente da unidade continua estudando e elaborando projetos que incentivem a descoberta e o uso funcional, tornando-o acima de tudo um espaço de aprendizagem.

De acordo com Hank e Brancher (2006), o papel do adulto no espaço é de um parceiro mais experiente que promove as interações, planeja e organiza atividades com o objetivo de, por intermédio das relações dentro do espaço que oferece, buscar o desenvolvimento integral de todas as potencialidades da criança. O professor deve ter a sua proposta voltada para o bem-estar da criança e sempre melhorar a sua prática, elaborando novas alternativas de construir o conhecimento de um grupo como um todo, facilitando as interações, promovendo e construindo espaços adequados para os pequenos.



Figura 6 – Vila da imaginação

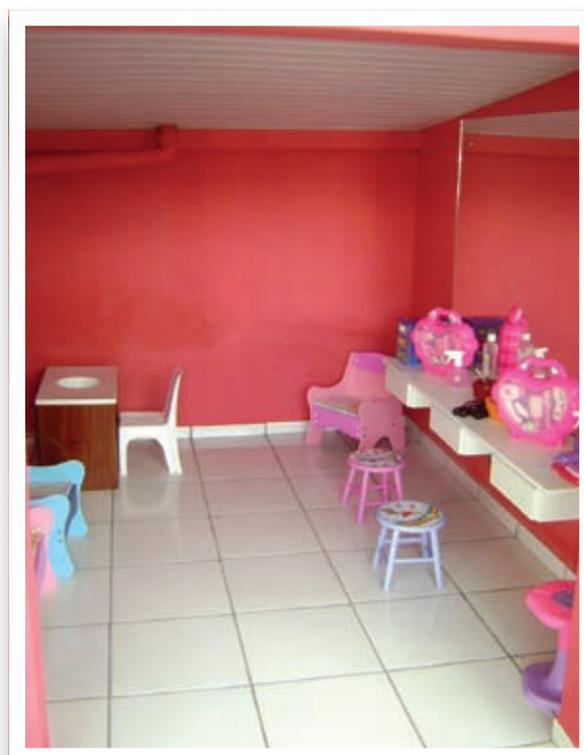


Figura 7 – Vila – salão de beleza



Figura 8 – Vila – lanchonete

UM ESPAÇO DE CONTATO COM A NATUREZA

No ano de 2009 o CEI passou por uma reforma em seu ambiente interno e deu-se início à revitalização do espaço externo na entrada da escola. Queríamos torná-lo um ambiente bonito e aconchegante, com área verde composta por plantas e flores. Assim, a ideia foi discutida entre professores, pais e crianças; todos apreciaram a proposta. A construção do lago tornou-se precursora para um projeto de meio ambiente do qual as crianças puderam participar ativamente mexendo na terra e acompanhando o crescimento das plantas.

Brincar com a terra pode ser mais que uma diversão. O contato com plantas e pequenos animais ajuda a criança a entender a importância da natureza, estabelecendo relações entre o meio ambiente e suas formas de vida, como sugere o RCNEI (BRASIL, 1998).

Atividades ligadas ao uso do solo, tais como revolver a terra, plantar, arrancar mato, podar, regar, não só constituem ótimo exercício físico como representam uma forma de aprendizado saudável e criativo. Além de transformar pequenos espaços da escola em cantos de muito encanto e aprendizado, o projeto foi um verdadeiro laboratório ao ar livre que despertou o interesse e a curiosidade das crianças pela natureza, assim como abordou vivências e experiências de forma significativa e contextualizada.



Figura 9 – Entrada atual do CEI – lago

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização dos espaços na educação infantil mostra-se fundamental para o desenvolvimento integral da criança e de suas potencialidades, além de propor novas habilidades, sejam elas motoras, cognitivas ou afetivas.

Percebemos isso quando deparamos com espaços que são pensados para os pequenos. A criança que vive em um ambiente construído para ela e por ela vivencia emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, como vive e sua relação com o mundo.

As aprendizagens que ocorrem a cada momento em que a criança tem a possibilidade de explorar os espaços disponíveis são fundamentais na construção da autonomia, sendo ela mesma construtora de seu conhecimento.

Com o parque proporcionamos o movimento. Movimentar-se, para as crianças, é comunicar-se, expressar-se, interagir com o mundo; é uma forma de linguagem, é explorar e conhecer o mundo e o próprio corpo, seus limites e possibilidades.

Na vila da imaginação oferecemos um ambiente rico para a brincadeira e a estimulação da atividade lúdica. Brincando a criança aprende o que mais ninguém lhe pode ensinar. É dessa forma que ela se estrutura e conhece a realidade. Além de conhecer o mundo, estará conhecendo a si mesma. Ela descobre, compreende o papel dos adultos.

A riqueza expressiva da criança pequena é uma das razões pelas quais pensamos que ela tem uma “imaginação fértil”. Todavia ressalta-se que o desenvolvimento da imaginação depende do meio em que a criança se encontra e das possibilidades dadas a ela para experimentar, conhecer e explorar os elementos ao seu redor.

Continuamos nossos questionamentos sobre a importância da organização do espaço no CEI e o que ainda podemos fazer para torná-lo um ambiente estimulante, desafiador e acolhedor, onde o educando possa desenvolver sua aprendizagem, imaginação e fantasia. Isso nos motiva a buscar novos desafios a cada dia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 1. Brasília, 1998.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização dos espaços em instituições pré-escolares. *In*: OLIVEIRA, Zilma Morais (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FARIA, Ana Lúcia G. (Org.). Grandes políticas para os pequenos. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 37, 1995.

_____. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia infantil. *In*: _____. PALHARES, Mariana (Orgs.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

HANK, Vera Lucia Costa; BRANCHER, Emerson Antonio. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. 2006. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>>.

JOINVILLE. Secretaria de Educação. **Proposta pedagógica de educação infantil**. Joinville, 2003. v. 1.

LIMA, Mayumi Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

MATTOS, Elizete de Lourdes. **Brincando e aprendendo:** o resgate do lúdico no desenvolvimento biopsicossocial das crianças. Blumenau: Vale das Letras, 2004.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos. **Educação infantil:** muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, Miriã Patricio. **As práticas educativas do professor no tempo e espaço escolar.** Itajaí: Instituto Cenequista Fayal de Ensino Superior, 2008.

QUEIROZ, Tânia Dias; MARTINS, João Luis. **Pedagogia lúdica:** jogos e brincadeiras de A a Z. São Paulo: Rideel, 2002.

O ESPAÇO INFANTIL E SUA ORGANIZAÇÃO COM BASE NA EXPECTATIVA DAS CRIANÇAS E NA MOVIMENTAÇÃO DA CONSCIÊNCIA COLETIVA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marlene Malschitzky¹
Rosane Mari dos Reis²

Resumo: O presente texto expõe o relato de experiência vivida no Centro de Educação Infantil Raio de Sol no decorrer de 2010. Com base na reformulação do Projeto Pedagógico, ressignificaram-se espaços, práticas e concepções, o que implicou melhoria da qualidade do trabalho educativo desenvolvido na unidade. Trata-se de um projeto institucional que, partindo das expectativas infantis, envolveu crianças, professoras, funcionários, gestoras e famílias na ressignificação dos espaços físicos externos, de forma a transformá-los em ambientes para brincadeira, para pesquisa e para a integração dos educandos com o meio ambiente natural. Suprindo uma necessidade de buscar novos ambientes geradores de aprendizagem, pois os que havia na unidade não mais atendiam à demanda, elaborou-se uma proposta pedagógica articulada que organizou dimensões administrativas e pedagógicas no intuito de concretizar a revitalização dos ambientes. Da movimentação coletiva que envolveu a arte e os fundamentos de educação ecológica como bases de formação no currículo surgiram ambientes lúdicos ao ar livre disponíveis a situações nas quais as crianças podem exercitar diferentes maneiras de se expressar e de se relacionar com a natureza e com as outras pessoas ao redor.

Palavras-chave: criança; comunidade; gestão participativa; espaços; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pode ser caracterizado como uma reflexão sobre o papel da gestão escolar em sua articulação entre as áreas administrativa e pedagógica, bem como o compartilhamento

¹ Diretora do CEI Raio de Sol.

² Coordenadora pedagógica do CEI Raio de Sol.

de uma construção coletiva que envolveu comunidade e profissionais³ do Centro de Educação Infantil (CEI) Raio de Sol numa nova forma de olhar, de conceber e de transformar o ambiente físico de aprendizagem infantil.

Nesse contexto educacional, direção e coordenação pedagógica fizeram uma leitura sobre a realidade atual da unidade e depois traçaram novos caminhos para a proposta pedagógica, que envolveu toda a comunidade escolar na qualificação do processo ensino-aprendizagem por meio da revitalização do espaço físico escolar.

Todo o trabalho foi registrado e aparece neste texto como relato de experiência elaborado por gestoras que atuam na direção e na coordenação pedagógica do CEI, onde aconteceu a experiência⁴. Buscando contribuições teóricas para fundamentar o trabalho, recorreu-se a autores como Alonso (1983) e Ribeiro (1986), que **estudam as relações de poder na escola** e suas consequências no desenvolvimento de ações significativas no processo pedagógico escolar; Horn (2004), que, fundamentada nas teorias de Vygotsky e Wallon, reafirma a importância dos espaços físicos como objeto de construção de conhecimento, integração e desenvolvimento infantil; e Pompermaier (2008), que busca provocar em seu artigo uma reflexão sobre como a organização dos espaços educativos pode gerar uma violência simbólica se a ação não estiver alicerçada numa verdadeira concepção sobre a infância.

Este artigo está organizado em quatro seções:

- Processos de estudo e reflexão sobre as construções ambientais;
- A coordenação pedagógica e a articulação teoria e prática no projeto institucional;
- As ações administrativas da direção da escola como garantia da implementação da proposta pedagógica;
- Espaços de vivências e experiências infantis como produto final de uma proposta de trabalho integrado.

BREVE HISTÓRICO SOBRE OS NOVOS PROCESSOS DE GESTÃO NO ESPAÇO ESCOLAR INFANTIL

Na desconstrução de uma concepção dicotômica que permeava o espaço da educação infantil do século XX, que de um lado configurava a creche como forma de assistir as famílias e de outro a pré-escola como fase de preparação para o ensino fundamental, muitas outras transformações aconteceram no modo de gerir e de planejar a ação pedagógica nas escolas infantis, a começar pela necessidade de um trabalho integrado entre a proposta pedagógica e os encaminhamentos administrativos da direção em envolver comunidade e demais parceiros no processo de ensino e aprendizagem da instituição.

O planejamento participativo, tomando como ponto de partida e de chegada o projeto pedagógico da escola, busca consolidar projetos coletivos de trabalho referenciados no conhecimento da realidade da escola e na identificação das necessidades educativas de seus alunos, na visão de todos os seus protagonistas: professores, técnicos, funcionários, pais, alunos, membros da comunidade na qual se insere a escola, etc. Este enfoque permite superar, inclusive, o conceito de participação dos pais e da comunidade na escola como de prestadores de serviços e de favores, reconhecendo-os como responsáveis diretos pela definição das razões de ser da escola, em seu tempo e lugar (MAZZILLI *et al.*, 1994, p. 2).

³ Marlene T. Z. Malschitzky (diretora), Elizane Corrêa de Carvalho (auxiliar de direção), Rosane Mari dos Reis (coordenadora pedagógica), Cléria Maria Estevam (professora – sala de leitura), Silvia Streit (auxiliar de educadora), Maria de Lourdes Severino (auxiliar de educadora), Marlene Schulz (agente operacional I), Maria Terezinha Bernardo (agente de serviços), Noemi Gomes da Silva (cozinheira), Karine Alves Correia Valenza (cozinheira), professoras: Maria Irene Pinto, Joseane Helena Schulz, Tatiana Joice Schmidt, Janaina Schluzer, Luciléia Simone, Juliana Selmmmer e demais professoras que aparecerão na sequência dos relatos dos projetos.

⁴ A experiência aqui relatada conquistou o Prêmio Destaque Nacional no Prêmio Gestão Escolar ano base 2010.

Na rede municipal de ensino de Joinville iniciaram-se formações continuadas sobre temas contemporâneos e que precisavam ser discutidos também no âmbito da infância, como as questões sociais e ambientais. As atividades pedagógicas foram naturalmente tomando dimensões muito mais significativas e responsáveis no sentido de trabalhar com as crianças partindo da sua curiosidade e de seu saber, situações reais que possibilitariam ajudá-las na construção do seu próprio ser. Não se trata mais de um cuidar por cuidar ou ensinar por ensinar, e sim da preocupação de formar de modo gradativo um ser humano completo responsável e conscientemente integrado à vida no planeta.

Desse modo, para garantir que tais questões transpusessem o currículo da educação infantil sem desprezar as fases de desenvolvimento da criança, e de maneira também a considerar a cultura do aprender pelo explorar e pelo brincar, condições essas inerentes à infância, emergiu nas unidades de ensino da rede municipal de Joinville a necessidade de reestruturação de espaços físicos que pudessem ir muito além da sala e do parque.

Partindo desse pressuposto e de um desafio lançado para os CEIs pela Secretaria de Educação por meio de uma articulação entre os núcleos de Educação Infantil, Educação Ambiental e Departamento de Obras – que visou à reorganização dos ambientes físicos das unidades com base em uma concepção estética que considerasse as especificidades do desenvolvimento infantil –, a coordenação e a direção do CEI Raio de Sol organizaram com o grupo docente um plano de ação administrativo/pedagógico voltado à ressignificação tanto dos espaços quanto da própria proposta pedagógica. Nesse momento o CEI transitava por importantes mudanças estruturais que, além de gerarem déficits de espaços e de equipamentos, implicaram uma nova articulação metodológica sobre o trabalho pedagógico.

No ano de 2009 o CEI foi ampliado e passou a atender também crianças de 3 anos, totalizando um grupo de 320 crianças. Com esse aumento no número de atendimentos, surgiu um problema: a falta de estrutura para o brincar. As professoras solicitaram mais brinquedos para o parque, pois os que havia eram insuficientes. A equipe gestora iniciou então discussões e reflexões sobre como resolver a questão e percebeu que a situação exigiria muito mais do que apenas buscar recursos materiais e financeiros; significaria uma mudança estrutural de toda uma proposta pedagógica que estagnava ações e intenções inovadoras do próprio grupo docente, que se preparava para mudanças desde 2007 por intermédio de formações proporcionadas pela Secretaria de Educação do município.

Desse modo, organizaram-se duas frentes de trabalho (administrativa e pedagógica) que, articuladas, passaram a desenvolver ações voltadas à construção significativa de diferentes ambientes físicos que possibilitassem não apenas diversão para as crianças, mas também aprendizagens e desenvolvimento mediante desafios e experiências diversas.

Para isso, os profissionais foram mobilizados a observar reflexivamente os espaços oferecidos às crianças, no sentido de vislumbrar formas para ressignificá-los com outras possibilidades que não fossem apenas com brinquedos tradicionais de parque, e a articular a sua modificação com a proposta pedagógica da instituição, envolvendo as crianças no processo.

Além da família, a instituição de educação infantil é o espaço onde acontecem as práticas sociais da criança. É necessário então que o adulto organize o espaço físico de forma que a interação entre as crianças e o meio não dependa exclusivamente do seu direcionamento. A criança nessa fase toma consciência de que faz parte de um grupo e que é tanto igual quanto diferente dos outros em vários aspectos (POMPERMAIER, 2008, p. 19).

A ação relativa ao projeto sobre espaços requereu inicialmente um trabalho de formação dos profissionais envolvidos na proposta, pois um projeto dessa proporção certamente traria, principalmente à equipe docente, insegurança, preocupação e incertezas. Coube às gestoras acalmar toda a aflição do grupo e garantir seu apoio e segurança durante o processo de implementação do trabalho.

PROCESSOS DE ESTUDO E REFLEXÃO SOBRE AS CONSTRUÇÕES AMBIENTAIS

Oportunizou-se ao grupo de profissionais da unidade um momento de conversa e reflexão sobre a sua infância, buscando-se resgatar em suas histórias os momentos mais importantes que tiveram quando crianças. No resgate sobre as brincadeiras preferidas, muitos relatos mostravam fatos comuns à vida de todas as crianças de qualquer lugar do mundo, em qualquer tempo.

As brincadeiras com água, terra, de casinha utilizando as verduras da horta da mãe para fazer as “comidinhas”, na casa da árvore, com pé no chão, de banho de mangueira, de deslizamento em morro de barro e as demais experiências relatadas pelas professoras emocionavam a todos. Esse momento de reflexão foi fundamental para todas perceberem que as crianças precisavam de oportunidades e espaços de vivência plena da infância, e não de brinquedos de parque. Para Mayall (*apud* POMPERMAIER, 2008, p. 15), “a vida da criança é vivida através de infâncias construídas para elas, a partir das compreensões dos adultos sobre a infância e sobre o que as crianças são e devem ser”.

Abriu-se nesse instante um debate interessante, quando muitas ideias acerca das construções surgiam do grupo de professoras, porém em meio ao entusiasmo gerado foram lembradas sobre a necessidade de envolver no processo as principais interessadas: as crianças. Assim, as professoras fizeram um levantamento entre as crianças sobre o que pensavam estar faltando no ambiente externo da instituição e sobre o que gostariam de acrescentar. As mais diversas respostas surpreenderam, uma vez que elas queriam grama, árvores, casa para passarinho, peixinhos, espaço com morro e terra para andarem descalças, entre outros ambientes naturais, o que denotou uma necessidade intrínseca de estar em contato com a natureza. Brinquedos de parque foram pouco mencionados. Tais reivindicações foram determinantes para a elaboração de uma estratégia de trabalho e de um plano de metas que foi “abraçado” por todos, inclusive pelas famílias.

Na prática, para a implantação da proposta, seriam necessárias ações para resolver as seguintes questões: Como desenvolver uma proposta de trabalho da qual as crianças pudessem participar, e não apenas receber o espaço pronto? Onde buscar os recursos financeiros e materiais necessários? De que maneira envolver as famílias nos projetos de sala, para ajudar as professoras a conseguir dar conta da proposta pedagógica e ao mesmo tempo da construção? Como articular proposta pedagógica, construção de espaços e trabalho em equipe abarcando várias competências?

Assim, organizaram-se de maneira articulada duas frentes de apoio à realização do trabalho, uma voltada à articulação teoria e prática da proposta pedagógica e outra disposta a garantir os meios físicos e materiais para a implementação da proposta.

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E A ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO PROJETO INSTITUCIONAL

Sistematizar um trabalho com projetos foi a proposta colocada para o corpo docente. Portanto, fez-se necessário retomar conceitos já conhecidos sobre a metodologia de projetos e organizar uma formação direcionada à construção de projetos didáticos para as turmas partindo de discussões e subsídios obtidos no projeto institucional. Desse modo, durante todo o ano de 2010 a coordenação pedagógica estabeleceu momentos e materiais direcionados à formação sobre projetos, orientou individualmente as professoras na definição de temas, objetivos e conteúdos e na forma de registro e avaliação, indicou materiais e referências para novas ideias, pesquisou, acompanhou a construção textual e as práticas dos projetos, incentivou e ensinou a elas o uso da tecnologia digital na elaboração de portfólios eletrônicos e mostrou à comunidade escolar o relevante e qualificado trabalho desenvolvido pela equipe.

A articulação pedagógica funcionou da seguinte maneira: a coordenação pedagógica, em conjunto com as professoras, optou pela elaboração de um projeto institucional que estabeleceria a arte como eixo norteador das ações pedagógicas e o meio ambiente, fundamentado na Carta da Terra para Crianças⁵, como tema transversal.

⁵ A Carta da Terra para Crianças é uma adaptação do texto original da Carta da Terra que visa tornar acessível às crianças a assimilação de seus princípios fundamentais.

O projeto institucional constituiria um contexto de experiências e de elementos possíveis de serem explorados nos projetos de sala. E assim ele permitiu às professoras levar para discussão em sala quais assuntos as crianças gostariam de explorar: artistas, obras de arte, pequenos animais, plantas, modos de vida, miniecosistemas etc. A partir de então, direcionaram-se os projetos de sala para a reorganização dos espaços físicos externos. Isso significou a garantia de norteamo ao trabalho das professoras, mantendo assegurada sua autonomia para desenvolver projetos didáticos condizentes com o interesse das crianças, mas focados em algum momento no objetivo coletivo do projeto institucional: a revitalização dos espaços.

Com o projeto institucional Releituras de uma Carta de Amor à Vida, estruturado num contexto de conteúdos voltados à Arte e na disseminação de ideias sobre sustentabilidade, as professoras elaboraram seus projetos de sala envolvendo as crianças em atividades variadas e desafiadoras. Os projetos de sala foram o mais diversificados possível. Nem todos se direcionaram exatamente a elementos de construção física do espaço exterior, já que, atendendo às necessidades e aos interesses do grupo de crianças, alguns focaram questões relacionais e multiculturais destacadas nas propostas da Carta da Terra. Porém em algum momento, num movimento de cooperação mútua, as crianças de todas as turmas participaram das construções ambientais. E assim, seguindo um percurso no qual diferentes experiências provocavam a curiosidade dos pequenos e a sua vontade de aprender, sequências de atividades iam sendo planejadas e desenvolvidas pelas professoras de modo a propiciar aos educandos contato e aprendizagem sobre os diferentes saberes necessários à resolução de cada etapa dos projetos.

Concomitantemente às atividades em sala, os trabalhos de campo tomaram a maior parte do tempo nas ações das crianças. Nesses períodos puderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos em outros momentos, como medir e delimitar os espaços utilizando instrumentos convencionais e não convencionais, organizar e classificar os elementos a serem dispostos de acordo com a maquete anteriormente construída, cultivar as plantas da época e alimentar pássaros e peixes conforme pesquisa efetuada, acompanhar o crescimento das plantas e o desenvolvimento dos miniecosistemas formados buscando explicações para os fenômenos por meio de dados obtidos na internet ou em materiais bibliográficos. Tantas outras atividades fizeram a criança elaborar conceitos, adquirir habilidades e construir atitudes éticas perante tudo e todos a sua volta.

Entre as áreas abarcadas nos projetos didáticos, a Arte teve destaque e serviu como ponte de sensibilidade e de acessibilidade da criança para com a natureza. Revisitando obras de arte de Monet, Portinari, Tarsila do Amaral, Aldemir Martins, Romero Britto, Alexander Calder e a arquitetura de Antoni Gaudi, as crianças tiveram acesso a experiências com linhas, formas e com as cores da natureza. Transpondo tais elementos para a vida real, passaram também a apreciar as texturas, os cheiros e os movimentos que compõem o meio ambiente natural, criando com eles suas próprias representações artísticas. A Carta da Terra para Crianças, inserida no trabalho pedagógico como elemento transversal, objetivou pausas reflexivas em meio às ações, no sentido do pensar coletivo a propósito de cuidar melhor do planeta.

As ações administrativas da direção da escola como garantia da implementação da proposta pedagógica

Diante de uma proposta institucional tão audaciosa, que demandaria significativo recurso financeiro, coube à direção traçar estratégias de captação de patrocínio por meio de parcerias com empresas, comunidade escolar e Secretaria de Educação, de modo a garantir as condições e os meios necessários para o desenvolvimento da proposta pedagógica. De acordo com Alonso



(1983) e Ribeiro (1986), a gestão é responsável pela organização administrativa da escola, promovendo a articulação dos diversos recursos – humanos, financeiros, materiais e físicos – de forma que o resultado concretize a ação pedagógica.

Um plano de ação traçou metas para as áreas pedagógica e administrativa e foi apresentado à comunidade escolar com o objetivo de buscar seu engajamento no cumprimento das metas e dos prazos. Na ocasião todos os presentes na assembleia aprovaram o plano de metas e se comprometeram com o envolvimento nas ações.

Na qualidade de líder o gestor escolar não deve ser visto exclusivamente como aplicador de leis ou provedor de recursos financeiros; seu papel central na organização desta faz com que seja tido como criador de novas atitudes, como o estimulador do progresso e o mediador na solução de problemas e dificuldades dos vários elementos da escola (ALONSO, 1983, p. 154).

Os parceiros conquistados durante a implantação do projeto de reorganização dos ambientes contribuíram com materiais diversos, verbas mensais, significativos descontos em seus produtos, assessoramento técnico, doação de implementos agrícolas, empréstimo de maquinário e fornecimento de mão de obra especializada. As famílias colaboraram voluntariamente nos trabalhos de jardinagem, costura, carpintaria, marcenaria e outras atividades imprescindíveis à implementação dos projetos.

Com uma gestão participativa e descentralizada, procurou-se motivar e articular a comunidade na execução da proposta pedagógica, promovendo o compartilhamento de responsabilidades com crianças, pais, professores, funcionários, de modo que todos os envolvidos no processo pudessem ter participação ativa nas decisões. A estratégia de incluir efetivamente as famílias nas decisões da escola implicou formação de uma comunidade mais participativa e interessada nos acontecimentos do espaço escolar, pois, sentindo-se valorizadas e inseridas, tornaram-se mais cooperativas e satisfeitas por atuar sob o estímulo de objetivos que elas mesmas ajudaram a definir. Segundo Herzberg (*apud* SIQUEIRA; SIQUEIRA, 1980), essa satisfação poderá ser conseguida a partir do momento em que houver uma delegação de objetivos, responsabilidades e desafios a cada um, evitando-se dessa forma a rotina e alimentando a motivação.

Espaços de vivências e experiências infantis como produto final de uma proposta de trabalho integrado

Após dois anos dedicados ao trabalho pedagógico de ressignificação de espaços, finalmente os ambientes ficaram prontos e disponíveis à exploração das crianças. O diferencial desse trabalho foi a participação delas e das famílias no processo, ou seja, a própria construção tornou-se elemento de aprendizagem e de integração. Também os espaços foram pensados com base nos desejos das crianças, e não simplesmente buscados em modelos alheios ao contexto escolar. Desse modo, organizaram-se ambientes desafiadores e instigantes às descobertas e à produção do conhecimento infantil.

Considerando-se as premissas de que o meio constitui um fator preponderante para o desenvolvimento dos indivíduos, fazendo parte constitutiva desse processo [...], constatamos que a forma como organizamos o espaço interfere, de forma significativa, nas aprendizagens infantis. Isto é, quanto mais este espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem do adulto, mais fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica (HORN, 2004, p. 20).

Assim, pode-se considerar que no CEI Raio de Sol se abriu um leque de possibilidades tanto para as crianças explorarem e vivenciarem plenamente a infância quanto para que se criassem novos recursos e elementos para os docentes inovarem e incrementarem suas aulas. A seguir, relatamos o processo e o resultado do trabalho de construção.

Jardim de Monet



Figuras 1 e 2 – Projeto Jardim de Monet. Autoria: professoras Indiajara S. de Moraes Marques e Cristiane de B. Martins Peixer / Projeto Peixe. Autoria: Juliana Selmmer

O Jardim de Monet ocupou um espaço em forma de “L” que fica na frente da unidade. Nesse local havia apenas uma pequena árvore de ipê-amarelo quase inacessível, em virtude de o solo de barro estar sempre úmido pela falta de drenagem. Diante da proposta de revitalização, as professoras não tiveram dúvidas sobre qual espaço escolheriam para ressignificar e passaram a motivar colegas e famílias para realizar as modificações propostas pelas crianças.

O projeto iniciou-se pela observação das crianças sobre algumas pinturas da série *Ninfeias*, do pintor impressionista Claude Monet, sobre as quais discutiram e, entre elas, escolheram uma para representar na forma de um jardim de verdade. A selecionada foi “A lagoa das ninfeias”, e as crianças então começaram uma série de atividades que englobavam técnicas e conceitos de arte, paisagismo e educação ambiental.

As aprendizagens foram sendo elaboradas em meio a propostas de construção de painéis e maquetes; delimitação e medição de canteiros; estudos sobre as espécies de peixes que melhor se adaptariam ao minilago; plantio e acompanhamento de flores em floreiras e em suportes confeccionados pelas próprias crianças; organização do jardim com as plantas trazidas de casa e colocação de grama; confecção de lajotas artísticas e observação e acompanhamento do trabalho dos adultos que edificaram as partes mais complexas do jardim utilizando sobras de demolição.

Ao término do projeto, estava erguido um jardim com gramados e canteiros de flores diversas e coloridas, com caminhos decorados por lajotas criativas, com um lago de carpas atravessado por uma ponte estilo enxaimel e com demais elementos que, compostos num só espaço, representavam na realidade a beleza da pintura de Monet escolhida pelas crianças.

Atualmente o espaço está disponível à contemplação, à pesquisa, à sensibilização e a outras possibilidades de quietude e de prazer corporal oportunizadas no descanso físico e no relaxamento mental das crianças em meio aos sons, aos cheiros e às cores da natureza.

Parque criativo



Figura 3 – Projeto Corpo em Movimento. Criação: Setor de Educação Infantil e Educação Física da Secretaria Municipal de Educação. Organização das atividades: professora Vanessa Juliana da Silva

A revitalização do parque foi uma das maiores reivindicações das crianças, pois nesse local desejavam grandes transformações. A solicitação delas foi para que houvesse no parque morros para rolar, túneis para se esconder, sombra para se abrigar e um chão no qual pudessem andar descalças. Baseando-se nesses pedidos, o parque aos poucos foi sendo transformado e ressignificado. Substituiu-se a brita por areião, árvores foram plantadas, criaram-se espaços com pneus coloridos para desafios motores, e suportes para desenhar nos muros e nas paredes foram providenciados. A reivindicação mais difícil de atender foi a construção dos morros e túneis, pois, como a obra exigiria algum conhecimento de engenharia, demandou muitas pesquisas e consultorias antes de sua concretização. Além de uma área para livre exploração física das crianças, esse ambiente tornou-se importante recurso para a aplicação de atividades motoras planejadas no projeto Corpo em Movimento, desenvolvido por Vanessa Juliana da Silva, professora de Educação Física.

Recanto do Manacá



Figura 4 – Projeto Na Sombra do Manacá. Autoria: professora Carmen Lucia Franco

Tal espaço nasceu da curiosidade das crianças por uma planta da mata atlântica brasileira chamada manacá. Elas a descobriram por meio de uma obra de arte da artista plástica Tarsila do Amaral. Inicialmente a professora levou para a sala algumas pinturas, e entre elas uma chamou especial atenção, por conter o desenho de uma flor de cores intensas e formas arredondadas e também por causa do nome curioso que a obra possuía: *Manacá*.

As crianças, em comum acordo, decidiram desvendar o significado do nome da obra e, ao pesquisarem na internet, descobriram tratar-se de uma espécie de planta muito comum de nossa região conhecida também como jacatirão-anão, manacá-da-serra ou manacá-de-cheiro. O próximo passo foi tentar localizar e conseguir os arbustos para serem plantados na unidade, para assim conhecer a planta mais de perto e acompanhar seu desenvolvimento até o desabrochar de suas flores. Não foi difícil consegui-las, já que são comuns em muitos quintais de casas vizinhas e nas floriculturas locais.

Após plantarmos um arbusto de cada espécie no CEI, as crianças passaram a monitorar seu crescimento. Numa das observações constataram a presença de uma lagarta passeando em meio aos galhos do manacá. Com grande admiração elas começaram a observá-la todos os dias. Ela se tornou objeto de estudo da turma e por isso era sempre vigiada. A bela lagarta negra de listras amarelas devorava vorazmente as folhas do manacá, que rapidamente desapareciam e a descobriam, deixando-a desprotegida e tornando-a alvo fácil dos predadores. Temendo que algum pássaro pudesse devorá-la, as crianças, com a ajuda da professora, criaram-lhe um novo hábitat dentro de um vidro e levaram-na para a sala. Seu ciclo de vida completou-se em algumas semanas perante os olhares curiosos das crianças, que acabaram percebendo com alegria e surpresa que a lagarta era uma linda borboleta. Após o momento mágico de sua revelação, a borboleta de asas negras e amarelas foi solta pelas crianças em meio ao jardim do CEI.

Transpondo o que aprenderam sobre a vida desse pequeno animal para uma linguagem artística, as crianças confeccionaram lajotas utilizando técnicas de desenho e mosaico para expressar cada etapa de sua vida, entre as fases de ovo, lagarta, casulo e borboleta. Colocaram-se as lajotas no entorno do pé de manacá-de-cheiro, formando assim uma mandala que representaria no espaço o ciclo de vida da borboleta e que destacaria o manacá como uma planta fundamental à existência dessa espécie, já que ela se alimenta exclusivamente de suas folhas. É a interdependência entre as espécies sendo vivenciada e compreendida no dia a dia pelas crianças.

O manacá-de-cheiro floresce a cada primavera com pequenas flores brancas e roxas que exalam um aroma de jasmim e atraem borboletas que botam ovos sobre as folhas e iniciam um novo ciclo de vida a cada ano. É uma história de vida que se repete ciclicamente e que pode ser acompanhada, admirada e respeitada pelas crianças no espaço do CEI.

Espaço sonoro de canos



Figura 5 – Projeto Música e Valores. Autoria: professora Maria Cristina Silva

Abordando questões de respeito mútuo entre pessoas e pessoas e entre pessoas e a natureza, a professora volante⁶ Maria Cristina desenvolveu um projeto cujo tema – a musicalização – procurou tornar compreensíveis para os educandos a proposta e os princípios difundidos na Carta da Terra para Crianças. Para isso, ela usou vários recursos e instrumentos que possibilitaram a apreciação e a produção de música e a sensibilização auditiva para os sons da natureza, incluindo os ruídos provocados pelo próprio corpo humano.

Com o intuito de unir sons produzidos por meio de objetos aos sons observados no espaço natural, montou-se no parque um pequeno ambiente onde foram organizados instrumentos musicais criados com canos e tubos de PVC e roda de bicicleta. Para a organização do espaço, as crianças confeccionaram lajotas, para serem colocadas no caminho dos instrumentos, e ajudaram no plantio do gramado.

Feitos pelo músico Fábio Cabelo, os instrumentos sonoros propiciam aos pequenos diferentes sons produzidos por chocalhos, pau-de-chuva circular e chinelofones (estes são instrumentos de percussão que emitem notas musicais ao serem tocados com chinelos de borracha).

Além de ser aproveitado no projeto da professora Maria Cristina, o espaço fica disponível para livre interação e experimentação das crianças nos momentos em que estão brincando no pátio externo ou quando estão no parque. No local, cantam e dançam enquanto movimentam e acionam os instrumentos buscando os ritmos necessários à harmonização de suas cantigas.

Minicamping agroecológico



Figura 6 – Projeto Minicamping Agroecológico Infantil⁷, criado a partir do projeto Espiando o Tempo do Milharal, da professora Patrícia Vieira Bittencourt

Com o propósito de trabalhar conceitos abstratos sobre organização espaçotemporal com base em situações concretas, a professora Patrícia (turma de 5 anos), utilizando a série *Espantalhos*, de Cândido Portinari, direcionou seu planejamento para atividades que oportunizassem ao grupo o acompanhamento do ciclo de desenvolvimento de uma plantação.

O assunto foi deflagrado por questionamentos das crianças sobre o tempo que faltaria para a chegada de seus aniversários: dias, semanas, meses. Então, num trabalho de observação empregando recursos como calendário, instrumentos de medida, lupas e câmera fotográfica, a

⁶ De acordo com o Regimento único das escolas do município de Joinville (artigo 24, § 1.º), “a Educação Infantil contará no seu quadro funcional com o professor volante. Compete a este profissional, além das atribuições inerentes à docência, substituir o professor regente na sua hora atividade”.

⁷ Esse projeto foi destaque nacional com as seguintes premiações: vencedor de edital de patrocínio de incentivo à educação ambiental – Fundação do Meio Ambiente (Fundema); Prêmio Aprender e Ensinar – Tecnologias Sociais, promovido pela Revista *Fórum* e pela Fundação Banco do Brasil/2013 – coordenadora pedagógica Rosane Mari dos Reis; Prêmio Professores do Brasil/2012 – professora Joseane Helena Schulz.

turma cultivou um milharal e acompanhou o tempo e o desenvolvimento dele. A atividade levou os pequenos a constatar que a passagem do tempo implicaria mudanças físicas nas plantas, nas pessoas e em qualquer ser vivo. Como forma de representar tal compreensão, as crianças usaram técnicas artísticas de pintura e de colagem e a arte tridimensional para confeccionar três espantalhos que representariam momentos distintos da vida humana: infância, adolescência e fase adulta. Cada espantalho foi colocado na plantação de acordo com o tempo e com o crescimento do milho.

A plantação “acendeu” uma nova ideia para toda a equipe da unidade. O milharal foi cultivado num terreno aos fundos do CEI que, limpo e aterrado, não mais indicava o antigo depósito de entulhos que ali outrora havia. Aparentando ser um ambiente propício ao cultivo de plantas, tanto pelo tamanho quanto pela fertilidade da terra, todas as turmas em conjunto com as famílias transformaram o local num espaço para a produção de frutas, legumes, verduras e cereais e para um trabalho formativo sobre segurança alimentar e experiências sustentáveis no cultivo orgânico de alimentos naturais.

A ideia foi tomando forma, e no ambiente foram sendo construídos espaços com pomar, horta circular, estufa, leiras com plantações perenes e de ciclos mais longos, composteira, tenda com mesa e bancos para experiências culinárias, lavatório para a higiene das mãos e dos alimentos. Com a finalidade de tornar mais lúdicas as vivências agroecológicas, criou-se também no local um espaço com gramado para brincadeiras no qual as crianças podem acampar e inventar aventuras em meio às plantações. Almejando esse objetivo, em sala mães e crianças fabricaram barracas em cuja elaboração utilizaram tecidos de sombrinhas, fuxicos, rendas, pinturas, colagens e outros processos criativos. Hoje, enquanto brincam no local, as crianças cultivam alimentos, fazem compostagem, criam receitas e se divertem ao mesmo tempo em que aprendem noções sobre saúde e sustentabilidade.

Canto dos pássaros



Figura 7 – Projeto Canto dos Pássaros. Autoria: professora Mikaela Tavares

O centro de interesse desse projeto partiu da atenção que as crianças despendiam da janela da sala para ver os passarinhos que apareciam fora dela. Do interesse pelas aves se iniciaram trabalhos voltados ao estudo das espécies observadas pelos alunos. Telas do artista plástico Aldemir Martins que representam pássaros coloridos também foram apreciadas e estudadas no contexto. A turma de 5 anos escolheu uma que melhor representa as rolinhas que apareciam no CEI para ilustrar a capa do portfólio do projeto. Em seguida, as crianças decidiram melhorar o espaço onde os pássaros apareciam na tentativa de embelezá-lo e atrair outras espécies diferentes

para o local. Então pintaram casinhas e fixaram-nas no muro com a intenção de os passarinhos ali fazerem seus ninhos. A esse conjunto de casinhas organizadas no muro deram o nome de “condomínio de pássaros”. Também penduraram bebedouros nas árvores e organizaram “refeitórios” com comedouros pelos quais até hoje os alimentam, respeitando os períodos necessários à preservação do instinto das aves em procurar a própria comida. Experimentando as cores e linhas observadas nas telas de Aldemir, criaram um painel no muro empregando a técnica de carimbagem de folhas para pintar e desenhar imagens de pássaros e de outros animais. A arte mural, feita com folhas como ferramenta de pintura, aconteceu depois de uma oficina realizada em sala com o ilustrador e cartunista joinvilense Humberto Soares.

Atualmente, além da observação dos pássaros que surgem no lugar, as crianças vão ao espaço para brincar e desenhar com giz na lousa verde criada em parte do muro. Também continuam a prover alimento, água e afeição a qualquer passarinho que venha visitar o espaço. A cada tipo diferente que aparece, novo entusiasmo é provocado para descobrirem sua espécie. Então fotografam e iniciam um novo ciclo de pesquisas até o seu total desvendamento.

Horto medicinal: Chá com Arte



Figura 8 – Projeto Chá com Arte: A Formação da Consciência Ecológica Começa pelos Sentidos.
Autoria: toda a equipe

Esse ambiente está localizado no pátio em meio às salas de aula. Antes um espaço ocioso e cheio de brita, tornou-se um horto medicinal lúdico e repleto de ervas aromáticas. Teve-se a ideia de fazer no CEI um ambiente para os pequenos experimentarem os cheiros e as texturas dessas plantas. A organização do espaço foi planejada e desenvolvida por meio do projeto Chá com Arte⁸, que envolveu todas as turmas e os familiares das crianças. Numa perspectiva lúdica de começar a construção do espaço com um jogo de quebra-cabeça, confeccionou-se na unidade um jogo em tamanho gigante, e cada peça foi explorada de diversas maneiras pelas crianças. Ao final todo o conjunto foi montado pelas turmas no pátio com a finalidade de organizar os canteiros de chás. Cada grupo ficou responsável por cuidar de um canteiro em que plantaria a erva de sua preferência. Em meio aos canteiros, as crianças elaboraram caminhos

⁸ O projeto Chá com Arte venceu o Prêmio Embraco de Ecologia 2010 na categoria Sementinha. O prêmio é promovido todos os anos pela Empresa Brasileira de Compressores, localizada na zona industrial da cidade de Joinville (SC). A empresa busca incentivar nas escolas um trabalho de formação voltado à educação socioambiental dos estudantes e da comunidade.

com texturas. O material utilizado no ambiente veio de rejeitos que seriam descartados na natureza.

Além de tornar o ambiente mais bonito, agradável e cheiroso, o espaço passou também a revelar novas vidas que surgiram nos ecossistemas formados nas plantações de chás. Formigas, lagartas, joaninhas e borboletas fazem-se presentes no dia a dia dos educandos, passeando pelo jardim de chás e muitas vezes até visitando as salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 2010 conseguiu-se realizar no CEI uma importante ressignificação tanto na proposta administrativa/pedagógica quanto na concepção física dos espaços de aprendizagem. A organização de frentes de trabalho mostrou-se fundamental para o sucesso do projeto, pois permitiu que se mantivesse o entusiasmo de professores, profissionais de apoio e famílias na busca dos resultados almejados. No entanto o mais significativo de toda essa movimentação foi a quantidade e a qualidade de experiências proporcionadas às crianças, que tiveram a participação garantida no processo, mesmo nas obras maiores e com alto grau de complexidade de estruturação, nas quais em algum momento puderam colaborar.

Ao fim de dois anos de trabalho, após grande articulação institucional, em que, de um lado, a direção buscava garantir os meios para a execução da proposta pedagógica e, de outro, a coordenação pedagógica e os professores desenvolviam com as crianças os projetos educativos, recebendo apoio das famílias e dos demais profissionais da unidade, alcançaram-se muitos resultados positivos.

Nos espaços construídos, inúmeras possibilidades de exploração foram oportunizadas: suportes para explorar seus desenhos e grafismos com tinta; painéis de azulejo; lousas nos muros; jardins de flores, horta, milhoal e outras plantações que comportam o funcionamento de minilaboratórios de observação para as crianças conhecerem a dinâmica de vida existente; interação com comedouros, bebedouros e casinhas de pássaros organizados estrategicamente e artisticamente de frente às janelas das salas, de modo que os pequenos possam observar sempre a visita de várias espécies de pássaros; contemplação e cuidado com a vida que habita um minilago, que possui uma ponte de onde as crianças observam e alimentam pequenos peixes coloridos; gramados de relaxamento onde podem descansar, ouvir histórias e fazer piqueniques com o barulhinho da água; espaço sonoro para explorar e confrontar os sons produzidos por instrumentos criados com tubos de PVC; exploração de movimentos corporais mais dinâmicos em meio às brincadeiras de correr, subir, entrar e sair de túneis, pular e rolar de morros; circuito de pneus planejados para esse fim; e, finalmente, exploração dos sentidos e da imaginação por intermédio de caminhos com possibilidades de percepções táteis, olfativas e visuais.

Observando tais conquistas, verificamos que grandes coisas podem ser feitas se conseguirmos manter a motivação para o trabalho em equipe. A motivação dá-se pela confiança depositada na competência de cada sujeito envolvido no processo e na valorização dos esforços e dos resultados individuais e coletivos alcançados. Isso significa o respeito pela consciência coletiva a partir do olhar reflexivo para as capacidades individuais.

Cabe ao grupo gestor manter acesa a chama do querer fazer, pois muito é possível quando todos querem e juntos buscam um mesmo fim.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Mirtes. **O papel do diretor na administração escolar**. São Paulo: Difel, 1983.

BORGES, Heloisa da Silva. **Organização do trabalho pedagógico e gestão escolar**. Manaus: UEA / Valer, 2008.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS Sandra Mendes dos. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. **Educere et Educare – Revista em Educação**, v. 2, n. 4, p. 77-90, jul./dez. 2007.

MAZZILLI, Sueli *et al.* **As diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil e os projetos pedagógicos das instituições de educação infantil.** 1994. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/psumari.PDF>>. Acesso em: 18 maio 2011.

POMPERMAIER, Fernanda Mattiola. Crianças e adultos: a produção da violência simbólica nos espaços educativos. **Revista Univille**, Joinville, v. 13, n. 2, p. 15-25, dez. 2008.

RIBEIRO, José Querino. **Ensaio de uma teoria de administração escolar.** São Paulo: Saraiva, 1986.

SIQUEIRA, John W.; SIQUEIRA, Wagner H. **Apostilas do curso de treinamento para ocupantes de funções de direção e assistência intermediárias.** Sunamam, 1980.

VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas: Papyrus, 2000.

O PROJETO CORPO EM MOVIMENTO E A INTERAÇÃO NOS ESPAÇOS COLETIVOS

Denise da Silva Gava¹
Maria de Fátima Gomes Uller¹
Zenilda Martins Beyersdorff²

Resumo: O projeto Corpo em Movimento iniciou-se em 2009 em quatro centros de educação infantil de Joinville, tendo como objetivo a ação integrada do professor de Educação Física com os demais docentes e a necessidade de desmistificar a premissa de que as atividades tidas como educativas acontecem apenas em sala de aula. A participação do professor de Educação Física, que historicamente desenvolve seu planejamento nos espaços externos, veio contribuir bastante para o entendimento de que esse espaço pode ser um bom aliado. O projeto oportuniza às crianças experiências corporais que dialogam com as diversas linguagens infantis.

Palavras-chave: projeto Corpo em Movimento; Educação Física; espaços coletivos.

INTRODUÇÃO

O projeto Corpo em Movimento está presente nos quatro maiores centros de educação infantil (CEIs) de Joinville e contempla aproximadamente 1.300 crianças. Por seu intermédio se pretendeu implementar uma ação educativa integrada do professor de Educação Física com os demais docentes da educação infantil, de modo a proporcionar variadas experiências com as diversas linguagens, em um contexto que seja significativo para a aprendizagem das crianças.

Pelas diferentes linguagens corporais as crianças se expressam no seu cotidiano, construindo sua cultura e identidade numa ação pedagógica que valoriza as brincadeiras, o lúdico e as culturas infantis.

[...] a brincadeira, sendo concebida como eixo principal do trabalho e como linguagem característica das crianças pequenas, perpassa todos os momentos do trabalho pedagógico e não deve ser utilizada de maneira funcionalista, como uma atividade que “serve para alguma coisa pré-definida”. É preciso encarar que, para as crianças pequenas, a brincadeira serve simplesmente para que ela brinque (SAYÃO, 2002, p. 2).

Desenvolveu-se o projeto em todos os espaços dos CEIs, uma vez que as crianças “são um corpo”, e não apenas “têm um corpo” (UNESCO, 2005).

¹ Supervisoras de Educação Física.

² Supervisora de Educação Infantil.

Portanto, é fundamental contarmos com um professor de Educação Física em tempo integral, para romper com o padrão escolarizante de hora/aula, tendo a Educação Física como eixo, pois se considera que a criança se expressa com seu corpo por meio do movimento.

O tempo de infância, como alerta Perrotti (1995), é o tempo do lúdico no qual a atividade determina o tempo e não o tempo determina a atividade. Sendo assim, a educação física organizada como a “hora de...”, assim como as disciplinas escolares, não tem sentido para as crianças pequenas que pensam, agem e sentem como uma totalidade complexa. A disciplina como organização racional de conteúdos fragmenta tanto o conhecimento, quanto o sujeito-criança (SAYÃO, 2000, p. 2).

No entanto pergunta-se: Como possibilitar vivências corporais significativas que se tornem parte da vida das crianças? Como oportunizar atividades educativas em todos os espaços do CEI?

Este artigo é um relato de experiência com embasamento teórico referenciado em Sayão (2000; 2002), Richter e Vaz (2010) e nos documentos oficiais do Ministério da Educação e do município de Joinville.

HISTÓRICO DO PROJETO CORPO EM MOVIMENTO

Na educação infantil havia uma aula semanal de Educação Física, apenas para as turmas de 4 e 5 anos. A baixa carga horária dificultava a contratação de professores.

Realizaram-se, então, estudos para prever custos, e concluiu-se que era possível implantar o projeto em apenas quatro CEIs, com atendimento de berçário a 5 anos.

Definiu-se então que seriam contemplados dois CEIs com atendimento em período integral e dois de período parcial: Alegria de Viver, Amandos Finder, Paraíso da Criança e Raio de Sol.

A escolha dos profissionais para atuarem no projeto atendeu aos seguintes critérios: ter participado da elaboração do Programa de Ensino da Educação Física para a Educação Infantil na Rede Municipal de Joinville³ e ter experiência na educação infantil e disponibilidade para atuar em tempo integral.

A primeira ação deu-se em uma reunião entre a equipe da Secretaria de Educação, gestoras dos CEIs e as professoras⁴ de Educação Física convidadas, objetivando a apresentação das ideias preliminares do projeto.

As diretrizes para a implantação do referido projeto foram sendo construídas por esse grupo no decorrer de encontros com as professoras para troca de experiências, levantamento de expectativas e avaliação.

Diretrizes iniciais

- A Educação Física na educação infantil, conforme a Lei n.º 9.394 (BRASIL, 1996), deve estar integrada à proposta pedagógica da escola e é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar;
- A Educação Física é parte integrante do processo de construção de conhecimento das crianças, fundamentando-se no artigo 32 da Lei n.º 9.394/1996 no que se refere ao desenvolvimento integral do aluno em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais;

³ Documento elaborado por um grupo de professores e pela equipe de supervisão de Educação Física, em 2008.

⁴ Referimo-nos às profissionais tanto de Pedagogia quanto de Educação Física no feminino porque todas as envolvidas no projeto são mulheres.

- A criança possui uma particularidade que a define como um ser íntegro nas múltiplas dimensões humanas e tem inúmeras maneiras de pensar, jogar, brincar, falar, executar e se movimentar;
- A criança expressa-se com seu corpo por intermédio do movimento. O corpo possibilita-lhe aprender e explorar o mundo, estabelecendo relações com os outros e com o meio;
- A Educação Física no âmbito da educação infantil precisa incorporar a produção decorrente das discussões acerca da pedagogia da infância;
- A vivência em espaços coletivos com outras crianças e adultos permite aos meninos e às meninas a ampliação de seus conhecimentos em inúmeras dimensões, como ética, estética, corporal, mimética, sensível, oral, escrita, artística, rítmica, entre outras;
- A brincadeira deve ser concebida como eixo principal do trabalho e como linguagem característica das crianças pequenas;
- O tempo da infância é o tempo do lúdico, no qual a atividade determina o tempo, e não o tempo determina a atividade;
- O respeito à diversidade cultural das crianças leva-nos a perceber que há diferentes formas de se movimentar e que as linguagens de movimento expressas pelas crianças, quando em interação umas com as outras, contribuem para a produção da cultura infantil alicerçada em valores como a criatividade, a ludicidade e a alegria;
- Possibilitar que as relações estabelecidas entre meninos e meninas sejam cada vez mais solidárias, em que as diferenças não constituam a exclusão;
- Compreender a criança como produtora de movimento ou de cultura corporal de movimento;
- Entender que os movimentos corporais são, para os pequenos, um meio de comunicação, de expressão e de interação social;
- Proporcionar às crianças diversidade de experiências mediante situações nas quais elas possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reelaborar conceitos e ideias sobre movimento e suas ações;
- Descobrir limites, desafios, conhecer e valorizar seu corpo, relacionar-se com outras pessoas, perceber a origem do movimento e expressar sentimentos utilizando a linguagem corporal.

Ampliação das diretrizes

- Corpo em Movimento, como todo projeto institucional, é de responsabilidade de todos os profissionais da unidade sob a coordenação da equipe gestora, que deverá orientar sobre o papel de cada um nesse contexto;
- A equipe gestora organizará reuniões com os professores para planejamento conjunto e para avaliação do processo, utilizando a hora atividade do corpo docente e os momentos de intervalo da professora do projeto;
- O cronograma de horários das atividades do projeto tem de ser organizado pela coordenação pedagógica em acordo com os professores e a direção e será comunicado a todos com antecedência;
- A atuação da professora do projeto com as crianças será organizada em momentos coletivos e individuais;
- Haverá reuniões periódicas da equipe da Secretaria de Educação com as coordenadoras pedagógicas e/ou gestoras para acompanhamento e avaliação do processo.

Determinadas as diretrizes, organizou-se uma proposta de formação continuada para os profissionais dos quatro CEIs, com o objetivo de socializar as ações e tomar consciência quanto às rotinas diferenciadas em relação aos períodos parciais e integrais, bem como definir a compra de materiais específicos para ampliar os recursos a serem empregados nas atividades.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL, 1996).

Nessa perspectiva, os CEIs contemplam no Projeto Político-pedagógico o projeto Corpo em Movimento, e acrescentou-se ao documento o papel do professor de Educação Física, qual seja, atender às necessidades das crianças e da comunidade, com vistas a formar cidadãos autônomos, solidários e competentes.

O Programa de Ensino da Educação Física para a Educação Infantil oportuniza a vivência do movimento como solução de uma problematização, provocando desafios que instigam as crianças a pensar como e por que realizam tal movimento, o que configura a interação entre o plano motor e o plano das representações mentais. Trata-se da ação e reflexão, permitindo que conheçam suas capacidades, seus limites e durante a prática aprendam a respeitar e manter o meio em que vivem e do qual fazem parte. Assim, oferece-se o maior número de oportunidades de práticas corporais, amplia-se a visão sobre a cultura corporal de movimento, viabiliza-se a autonomia para o desenvolvimento de sua vivência pessoal e a capacidade para intervir na sociedade e ressignificá-la.

A análise dos pressupostos teóricos que fundamentam a educação física na educação infantil evidencia a psicomotricidade como referencial “capaz” de dar conta da especificidade do trabalho pedagógico junto às crianças pequenas. No entanto, as duras críticas a ela imputadas, desde a década passada, nos oferecem um panorama mais claro do que aquele que tínhamos há um tempo atrás. Pautada num modelo de criança universal, a psicomotricidade desconhece as diferenças de gênero, etnia, classe social, entre outras, trazendo, desde a sua gênese, uma idéia de movimento como suporte das aprendizagens de “cunho cognitivo”. Ou seja, a psicomotricidade se constitui na escola e na educação infantil como um suporte para as aprendizagens cognitivas. O movimento, neste caso, serve de recurso pedagógico visando o sucesso da criança em outros campos do conhecimento (SAYÃO, 2002).

A educação infantil torna-se um “espaço de síntese” na medida em que o indivíduo aprende como pensar, a investigar, argumentar, utilizar os conceitos, comunicar-se, integrando informações, mas também produzindo, criando e assumindo a condição de sujeito da própria aprendizagem.

Nesse contexto, o projeto ocupa-se em possibilitar formação cultural e científica, de forma a permitir uma atitude autônoma, criativa e construtiva em suas várias manifestações, como as brincadeiras e as interações que contemplam os movimentos corporais e exploram os diversos espaços.

O olhar diferenciado do professor de Educação Física em momentos de interação nos espaços vem confirmar que os maiores ganhos ocorrem nas vivências das crianças com faixas etárias diferentes.

A VIVÊNCIA NOS ESPAÇOS COLETIVOS

Na perspectiva do projeto, define-se espaço coletivo como local de interações das diferentes faixas etárias e dos diversos profissionais envolvidos.

Nesse sentido, cabe aos professores e professoras de educação física afastar-se da sua “hora aula” e transitar por outros espaços e tempos da creche em diálogo com os demais profissionais da instituição, no sentido de superar a idéia de que somente a educação física

“trabalha o corpo”, uma vez que ela reúne apenas uma parte, seguramente importante, das técnicas corporais e dos cuidados com o corpo em ambientes educacionais (RICHTER; VAZ, 2010, p. 59).

Trata-se da exploração de todos os espaços físicos disponíveis para oferecer vivências significativas com as diversas linguagens infantis.

Os CEIs, de acordo com sua estrutura física e possibilidades, vêm transformando os ambientes para melhor adequação da proposta de interação. Os espaços estão distribuídos em áreas de interação como:

- Área dos jogos simbólicos – vivências com indumentárias e fantasias, casinha, salão de beleza, supermercado, tendas, sala de leitura, circo, entre outros (figura 1);



Figura 1

- Área do movimento e deslocamentos – circuitos psicomotores, quadra, areia, escalada, cama elástica, teia de aranha, túnel, escada, tecidos circenses, pneus, caixas de papelão, caixas de verduras, sucatas, materiais alternativos, entre outros (figura 2);



Figura 2

- Área de manipulação e exploração – monotípias, banho de mangueira, chuveirão, parede de azulejo, parede com quadro de giz, lama, barro, lona com água e tinta, banho de sagu, gelecas, entre outros;
- Área de observação da natureza – hortas, jardins, canto dos pássaros, morro com túnel, lago com peixes, entre outros (figura 3);



Figura 3

- Área de percepções e sensações – exploração de sons, aromas, sabores, texturas, imagens, entre outros;
- Área de relaxamento – ioga, relaxamento, alongamento, exercícios de respiração, entre outros (figura 4);



Figura 4

- Área de brincadeiras – acontecem em todas as outras áreas, com agrupamento em pequenas e grandes turmas e diferentes faixas etárias (figura 5);



Figura 5

As áreas de interação são projetadas de acordo com a necessidade e o interesse das crianças, conforme o objetivo proposto no trabalho para aquele momento.

RELATOS DAS PROFESSORAS

A seguir algumas respostas das envolvidas no projeto quando das avaliações.

1 – As propostas de atividades do projeto são significativas e desafiadoras para as crianças?

“[...] há um grande movimento, crianças exercendo o direito de brincar, as interações, muitos espaços a explorar, muitas oportunidades de criar e experimentar.” (figura 6)



Figura 6

“[...] as atividades têm sido muito significativas e desafiadoras, o empenho da professora de Educação Física nos auxiliou para a elaboração de novas atividades para as crianças.” (figura 7)



Figura 7

“[...] é possível notar a integração e o contentamento das crianças.”

“[...] houve grande mudança no comportamento das crianças e professores, no relacionamento, habilidades de trabalhar em grupo, ampliando as interações.”

“[...] com certeza, as atividades atendem à necessidade das crianças, são interessantes e criativas.” (figura 8)



Figura 8

“[...] crianças maiores e menores em conjunto já é um desafio, em espaços abertos são mais difíceis de realizar, porém mais ricas para as crianças.” (figura 9)



Figura 9

“[...] a proposta é boa e desafiadora para as crianças, ajudando-as a desenvolver-se num todo.”

“[...] muito relevante, cada espaço apresenta uma proposta diferente, sendo contempladas várias aprendizagens.”

“[...] este projeto veio como um presente para o CEI.”

“[...] são desafiadoras como circuitos e são significativas, pois todas as crianças envolvem-se nas atividades.”

“[...] melhorou a interação e organização das crianças do maternal para as brincadeiras e atividades.”

“[...] as crianças estão bem mais envolvidas com as brincadeiras, buscando soluções, sendo mais criativas.”

“[...] melhor integração das crianças em sala, principalmente nas atividades coletivas.”

“[...] atividades bem diversificadas e interessantes. Percebo alegria e satisfação nas crianças.”

“[...] as crianças estão mais seguras e confiantes para subir em árvores, por exemplo.”

“[...] percebo o avanço na coordenação motora e equilíbrio.”

“[...] melhoria na interação entre as crianças, aprenderam a dividir, esperar a vez e fazer novas amizades.”

“[...] o planejamento em conjunto fortaleceu o envolvimento de todos, fazendo com que haja a reflexão das atividades, troca de ideias, onde cada profissional está se envolvendo conforme suas habilidades para enriquecer os desafios lançados às crianças.”

“[...] o planejamento é elaborado de um mês para outro. Essa antecipação garante que as professoras tenham conhecimento do projeto num todo, ficando cientes dos objetivos

propostos, das atividades, procedimentos e recursos que serão utilizados para que possam também organizar os materiais necessários e planejar as atividades de sala, dando continuidade às mesmas, garantindo assim um melhor desempenho nas intervenções com a criança.”

2 – Tem observado novas aprendizagens nas crianças depois da aplicação do projeto?

“[...] saber esperar e repartir os materiais. No início queriam mexer em tudo, hoje já sabem que podem explorar os espaços dividindo com o outro.”

“[...] minha turma tinha muita insegurança para ficar sem a professora, hoje se afastam e se integram com as demais crianças.”

“[...] observo o desenvolvimento em algumas crianças, principalmente no equilíbrio. A cama elástica ainda é um desafio para algumas crianças.”

“[...] não só na parte motora, mas na concentração e autoestima.”

“[...] as crianças estão mais seguras no equilíbrio, têm mais facilidade e agilidade, sentem-se mais estimuladas em vir para o CEI, pelos novos espaços oferecidos.”

“[...] crianças mais tranquilas. Creio que aprenderam a enfrentar desafios.”

“[...] o projeto proporcionou mais brincadeiras e espaços para o movimento.”

“[...] crianças mais comunicativas se expressam com mais facilidade. Suas brincadeiras revelam um maior repertório de vivências.”

“[...] as professoras estão deixando as crianças mais autônomas e mais livres.”

“[...] a socialização entre as turmas e a criação de novas brincadeiras.”

“[...] os circuitos desafiam os pequenos.”

“[...] complementa o que trabalho em sala.”

“[...] as crianças demonstram mais respeito com os amigos.”

“[...] percebo que as crianças estão interagindo melhor e têm mais concentração.”

“[...] mais criatividade, melhora no esquema corporal, nos registros gráficos, nas rodas de conversa, na concentração e na autonomia.”

“[...] estamos felizes por este projeto estar acontecendo em nossa unidade, visto que proporciona atividades variadas, e o resultado é constatado no progresso das crianças, pois através do movimento a criança apresenta um melhor desempenho nas outras áreas.”

“[...] o projeto Corpo em Movimento veio mostrar que é possível criar espaços diferenciados, acolhedores, desafiadores para a criança, com estratégias e melhores condições para o desenvolvimento sem deixar de lado a infância, destacando suas aprendizagens de forma significativa, superando suas dificuldades, preocupando-se ainda com seu bem-estar e satisfação de todos.”

“[...]as crianças se sentem mais seguras em estar nos espaços propostos com auxílio e intervenções de outras professoras sem ser a da sua turma. Nesse novo contexto todos amadureceram, tanto as crianças como os profissionais envolvidos.”

“[...] trabalho em dois CEIs da rede municipal, com turmas da mesma idade, porém em um deles não tem aula de Educação Física e no outro tem o projeto Corpo em Movimento. Comparando o desenvolvimento das turmas, observo grandes avanços na autonomia, na integração com outras turmas e no desenvolvimento psicomotor daquelas crianças contempladas com o projeto.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, percebem-se nas expressões corporais, nas falas e na prática das profissionais envolvidas no projeto Corpo em Movimento consideráveis avanços na consciência corporal.

No início, elas demonstraram certa dificuldade e resistência em participar das atividades, pois essa ação exigia entrega e consciência corporal. Depois essa visão mudou, as professoras agora têm um novo olhar sobre o movimento, porque internalizaram a sua importância nas demais áreas do conhecimento.

Constatou-se que a escolha das maiores unidades dificultou a organização do trabalho, em virtude do grande número de turmas e da densa rotina. Foi um grande desafio elaborar os primeiros cronogramas de atividades que contemplassem todas as turmas e as educadoras. A criação de um cronograma de uso dos espaços contribuiu para a organização das docentes e possibilitou que todas participassem, cada uma sabendo o que fazer.

Os espaços das áreas de interação são utilizados em diferentes momentos, as crianças interagem entre si e com outras turmas e as professoras ficam envolvidas em suas brincadeiras.

Em razão disso, o planejamento em conjunto e a exploração dos espaços, principalmente os externos, foram sendo entendidos e praticados aos poucos, aspecto que revelou ser um diferencial do projeto.

A exploração de um repertório diversificado de áreas de interação, com tantas alternativas interessantes, e as vivências de escolares com seus pares e com os adultos fizeram com que o parque perdesse o brilho e os demais espaços fossem disputados por todos. É perceptível o comprometimento das professoras em montar os espaços para as crianças e também interagir com elas, tendo a oportunidade de socialização com outras turmas, além do amplo espaço que exploram usufruindo livremente o circuito que todo dia é montado.

São evidentes os avanços e as conquistas no desenvolvimento e na aprendizagem, expressos nas falas das professoras:

“[...] houve grande mudança no comportamento das crianças, no relacionamento, habilidades de trabalhar em grupo, ampliando as interações.”

“[...] as crianças que antes não participavam agora dizem: eu consigo fazer sozinha.”

“[...] as crianças gostam de desafios, seguem em frente, perdendo o medo e querendo mais.”

“[...] observo as crianças prontas para qualquer desafio motor. Diminuiu muito a agressividade, e houve evoluções significativas nos registros de esquema corporal.”

“[...] houve redução do medo e do choro das crianças, e melhorou a liberdade de ir e vir.”

“[...] algumas crianças demonstram avanços e superação das dificuldades no correr, subir e pular.”

“[...] as crianças pequenas ficam tranquilas sem a presença da sua professora.”



“[...] para as crianças do maternal, o projeto contribuiu para estimular a socialização com outras turmas e melhorou a coordenação motora fina.”

“[...] houve superação de desafios, subir escadas, pular, subir em árvores com facilidade.”

“[...] melhora na estruturação espacial das crianças, auxiliando quando entram novos alunos na unidade.”

“[...] resolvem problemas entre si, recorrendo menos à professora.”

“[...] nota-se neles a necessidade de ampliar corporalmente, procurando ir além da proposta da professora, exploram mais movimentos.”

“[...] as crianças auxiliam os que não conseguem realizar as atividades e procuram alternativas para resolver as dificuldades.”

A integração das professoras na execução do projeto vem evoluindo. Elas conseguem perceber a importância do seu papel, realizando as intervenções necessárias, e observam e registram a evolução no todo; o foco deixa de ser individualizado para a sua turma e passa a ser com todas as crianças e suas aprendizagens.

A proposta é ampliar o projeto Corpo em Movimento para os demais CEIs, de modo a oportunizar os ganhos aqui conquistados a todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **DOU**, Brasília, 1996.

JOINVILLE. Secretaria de Educação. **Programa de Ensino da Educação Física para a Educação Infantil na Rede Municipal de Joinville**. 2008.

PERROTTI, Edmir. A infância e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **A produção cultural para as crianças**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

RICHTER, Ana; VAZ, Alexandre F. Educação física, educação do corpo e pequena infância: interfaces e contradições na rotina de uma creche. **Movimento**, v. 16, p. 53-70, 2010.

SAYÃO, Deborah T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

_____. **Infância, educação física e educação infantil**. Prefeitura de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Ensino, Divisão de Educação Infantil, Síntese da Qualificação da Educação Infantil. 2000.

UNESCO – UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **A criança descobrindo, interpretando e agindo sobre o mundo**. Brasília: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005.